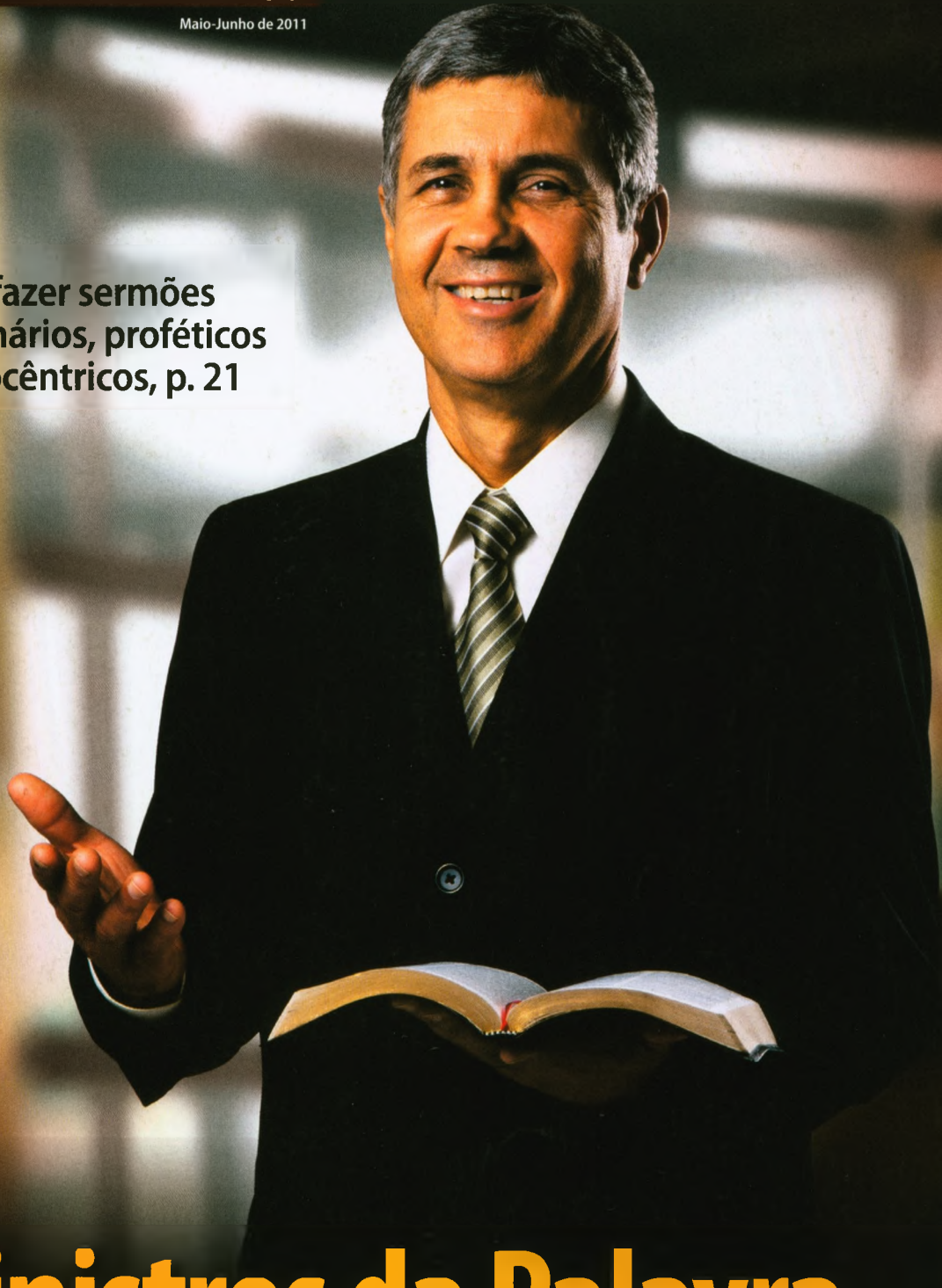


# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Maio-Junho de 2011

Como fazer sermões  
doutrinários, proféticos  
e cristocêntricos, p. 21



## Ministros da Palavra

Pregando com propósito, p. 24

O dom de profecia no púlpito, p. 30





# Pregue com coragem e humildade

**T**em você um mentor que o inspira e instrui no ministério pastoral? Permita-me recomendar um líder servo que tem sido grande mentor para mim: João Batista. Ele nunca se identificou como profeta, nem mesmo como professor. Seus modos eram toscos, poucos eram seus companheiros, mas sua missão era clara. Ele foi chamado para preparar o caminho do Senhor.

João Batista proclamou a verdade com santa coragem. Aquela verdade tinha sua mais plena expressão não em uma coleção de ensinamentos, mas em uma Pessoa. Quando Jesus foi ao Rio Jordão para ser batizado, João exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Essa corajosa declaração foi o tema do ministério de João. Ele reconheceu Jesus, por causa de seu encontro pessoal com Deus: “E João testemunhou, dizendo: Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre Ele. Eu não O conhecia; Aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo. Pois eu, de fato, vi e tenho testemunhado que Ele é o Filho de Deus” (Jo 1:32-34).

Assim como fez com João, o Senhor também nos chama no contexto particular do nosso ministério, para proclamar a verdade com santa coragem enquanto preparamos o caminho para a Sua vinda. Essa proclamação só é possível como resultado de um encontro sobrenatural, pessoal com Deus. Acaso você já se encontrou com um seguidor de Cristo, que anda na presença de Deus? Talvez, quando essa pessoa orou com você, a maneira pela qual demonstrou o amor de Deus pelos outros evidenciou para você a direta ligação dela com Deus. Era isso o que o povo sentia quando se acercava de João Batista. As pessoas sentiam a presença de Deus e que João tinha ligação viva com Ele.

Corajosamente, João Batista proclamou o batismo de arrependimento para remissão de pecados. Sua mensagem era um chamado para reavivamento e reforma. Por que as pessoas ouviam suas exortações? Por que não o rejeitavam como se fosse mais um fanático? Porque

elas viam santidade na vida dele; percebiam ligação viva com Deus. Havia uma confirmação sobrenatural de que o testemunho dele era verdadeiro.

O corajoso testemunho de João Batista foi dado com espírito de humildade. De acordo com Josefo, João tinha grande influência sobre as massas. Facilmente poderia promover uma agenda pessoal em benefício próprio. Em vez disso, se manteve humilde. Em certa ocasião, alguns dos seus discípulos foram a ele e disseram: “Mestre, aquele que estava contigo além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e todos lhe saem ao encontro. Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do Céu não lhe for dada. Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas fui enviado como Seu precursor. O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim. Convém que Ele cresça e que eu diminua” (Jo 3:26-30).

*“As pessoas sentiam a presença de Deus na vida de João. Por isso seu testemunho era poderoso”*

Que grande exemplo para nós, nestes últimos dias da história da Terra! Cristo deve crescer, e nós devemos diminuir.

Enquanto preparamos o caminho para a segunda vinda de Cristo, por que as pessoas deveriam crer em nosso testemunho? Afinal, muitas vozes estão proclamando. Porém, veem as pessoas Deus trabalhando em nós e através de nós? Devemos proclamar a verdade sobre Jesus com santa coragem resultante de nossa viva ligação com Deus, e devemos fazer isso com espírito de humildade. O que proclamamos não é a nosso respeito; é sobre Jesus.

Sou grato porque João Batista tem sido meu grande mentor, e oro para que o testemunho dele também abençoe sua vida, leitor. Em breve, quando os santos de todos os tempos forem reunidos diante do trono de Deus, espero abraçar João Batista. Já sei o que ele me dirá. Sorrirá para mim, dirigirá minha atenção para o trono e corajosamente proclamará: “Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Ap 5:13). ▀

**Editor:**

Zinaldo A. Santos

**Assistente de Redação:**

Lenice F. Santos

**Chefe de Arte:**

Marcelo de Souza

**Designer Gráfico:**

Marcos S. Santos

**Capa:**

Fábio Fernandes

**Foto de Capa:**

William Moraes

**Colaboradores Especiais:**

Bruno Raso; Marcos Bomfim;

Jerry Page; Derek Morris

**Colaboradores:**

Antônio Moreira; Augusto M. Cárdenas;  
Bolívar Alaña; Daniel R. Marin; Edilson  
Valiante; Geovane Souza; Heriberto Peter;  
Horácio Cayrus; Ivanaudo B. Oliveira;  
Jair Garcia Góis; Leonino Santiago; Luiz  
Martínez; Nelson Suci; Samuel Jara;  
Walter Dávila.

**Diretor Geral:**

José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro:**

Edson Erthal de Medeiros

**Redator-Chefe:**

Rubens S. Lessa

**SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE**

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

E-mail: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Ministério na Internet:

[www.dsa.org.br/revistaministerio](http://www.dsa.org.br/revistaministerio)


[www.dsa.org.br/revistaelministerio](http://www.dsa.org.br/revistaelministerio)

Redação: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br)

Artigos e correspondências, para a revista **Ministério** devem ser enviados para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

**Assinatura:** R\$ 49,70

**Exemplar Avulso:** R\$ 10,34

 **CASA  
PUBLICADORA  
CASA BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34  
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.  
Proibida a reprodução total  
ou parcial, por qualquer  
meio, sem prévia autorização escrita do  
autor e da Editora.

Tiragem: 5.200 exemplares

5935/24272



Foto: Daniel Oliveira

# “Há alguma palavra do Senhor?”

**A**o assumir uma nova igreja, certo pastor reuniu a diretoria de jovens a fim de planejar o trabalho do ano. Quando, seguindo a agenda, o grupo chegou ao item “semana de oração”, o pastor sugeriu que convidassem um visitante para oficiá-la. Sendo ele recém-chegado à comunidade, desconhecido, teve a sugestão aceita e logo o nome de um colega foi aprovado. No ano seguinte, o processo se repetiu. Porém, ao fazer o pastor a mesma sugestão do ano anterior quanto à semana de oração, conhecendo-o melhor, um dos líderes respondeu: “Queremos que o senhor seja o pregador”. O pastor insistiu em convidar um colega, argumentando em favor dos benefícios de ter alguém diferente na igreja, programação com novidades e o poder de atração que isso representava. Mas o grupo insistiu para que ele fosse o pregador e, encerrando a discussão, alguém justificou: “Quando o senhor fala, parece adivinhar o que todos nós necessitamos”.

Tenho a convicção de que essa observação deve ter sido recebida como valioso troféu por aquele pregador. Ele não era vidente; mas, sendo visitador sistemático do seu rebanho, aprendeu a conhecer as necessidades de todos. Unindo a essa prática profundo estudo da Bíblia, oração e exaltação de Cristo, estava pronta a receita para sermões eficazes, relevantes e espiritualmente nutritivos.

Em meio às muitas atividades importantes que precisa realizar, todo pastor deve estar consciente da grandeza da pregação. “É um trabalho divino”, diz Roy Allan Anderson (*O Pastor Evangelista*, p. 284); e ele, o pregador, “se torna um arauto de esperança, um portador de boas-novas, que leva a mensagem do Rei. Não meramente fala acerca do Rei, fala pelo Rei. Fala aos homens por Deus, e fala a Deus pelos homens. Como embaixador dos Céus, fala com autoridade. É ‘em lugar de Cristo’ que ele torna conhecido o propósito eterno de Deus”.

Como vaso do qual Deus transborda, o pregador é um conduto através do qual o fluxo do Espírito Santo é percebido. Ele é chamado por Deus e deve se apresentar humilde, despojado de toda pretensão humana, a não ser a disponibilidade e boa vontade para desempenhar a tarefa. Seus ouvintes não estão interessados nos títulos que talvez possua, no *status* nem no poderio que eventualmente detenha. Mas, perguntam a si mesmos todas as vezes que chegam para ouvi-lo: “Há alguma palavra do Senhor?” (Jr 37:17).

O sermão é preparado por um ser humano, mas está cheio de implicações eternas. Por isso, nenhum pastor tem o direito de minimizar a importância da pregação. De fato, de acordo com Andrew Blackwood, ela “devia ser considerada a mais nobre tarefa que existe na Terra” (*A Preparação de Sermões*, p. 15). Esta edição especial de *Ministério* foi elaborada com o objetivo de ajudar você a aprimorá-la. ▀

Zinaldo A. Santos

09 CARACTERÍSTICAS DO SERMÃO EFICAZ

12 O FATOR INSUBSTITUÍVEL NO CULTO

15 VIVA O QUE VOCÊ PREGA

17 MINISTROS DA PALAVRA



21 MENSAGEM COMPLETA

24 PREGANDO COM PROPÓSITO

27 SERMÕES PARA TODOS OS GOSTOS

30 O DOM DE PROFECIA NO PÚLPITO

33 GARIMPANDO RECURSOS

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

35 DE CORAÇÃO  
A CORAÇÃO

*“Um senhor disse ao seu pastor: ‘Bill, depois de uns dez minutos de sermão, você desapareceu e eu ouvi Deus falar’. Esse é o elogio mais profundo que um pregador pode receber. Quando Sua Palavra é proclamada, Deus arregança as mangas e põe mãos à obra. É por isso que eu amo pregar!”*

Joseph Stowell

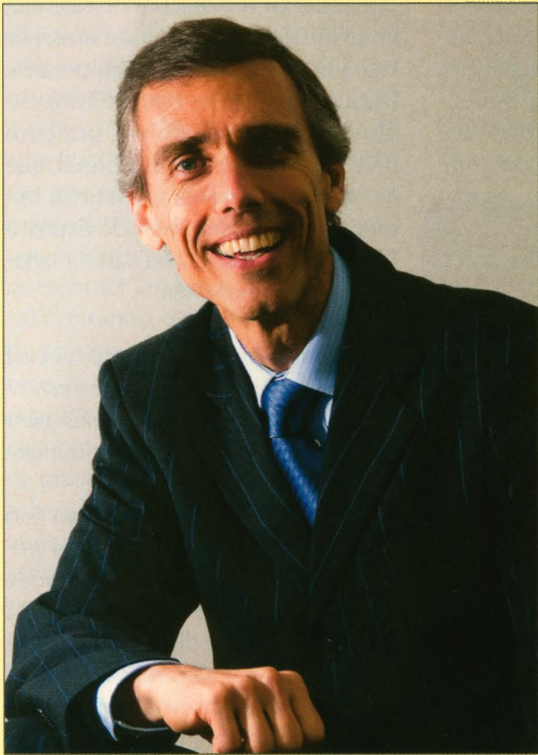


Foto: Cortesia do entrevistado

# O povo quer ouvir a verdade presente

*“No livro do Apocalipse, Deus estabelece com muita clareza os assuntos que definem o rumo da pregação adventista, que é sempre relevante”*

por Zinaldo A. Santos

**N**ascido numa família pastoral (seu pai, pastor Osvaldino Bomfim, foi diretor de Publicações na Divisão Sul-Americana), o pastor Marcos Faiock Bomfim pastoreou igrejas na região metropolitana de São Paulo, durante nove anos, trabalhou nas Associações Catarinense e Sul-Rio-grandense como diretor dos ministérios de Mordomia Cristã, Comunicação, Saúde e Família. Ao ser nomeado no fim do ano

passado como secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana, o pastor Marcos coordenava os ministérios de Mordomia, Família e Saúde na União Sul-Brasileira, em cujo território trabalhou nos últimos 16 anos. Ele tem mestrado em Teologia e, à semelhança da esposa, Mariluz da Silva Bomfim, também é especialista em Terapia Familiar. O casal tem duas filhas: Luana e Alana, estudantes de Enfermagem no Unasp.

Nesta entrevista, o pastor Marcos fala sobre vida pastoral e pregação.

**Ministério:** *Como o senhor recebeu e o que representou o chamado para ser secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana?*

**Marcos:** Todos os meus chamados e transferências sempre foram grande surpresa para mim. Desta vez não foi diferente. Como pôde Deus me oferecer outra responsabilidade,

quando nem me achava à altura da tarefa anterior? O que tem me animado é saber que o Senhor precisa mais de minha disponibilidade do que de minha capacidade.

**“Não é apenas o assunto que torna a mensagem eficaz. O mensageiro é importante. Ele deve estar cheio do Espírito Santo”**

**Ministério:** Houve algum acontecimento em sua vida que o senhor interpretou como sendo fundamental na definição de sua vocação pastoral?

**Marcos:** Ainda bebê, estive à beira da morte e meu pai me dedicou a Deus. Tendo sido curado, cresci ouvindo de meus pais: “Lembre-se de que você foi dedicado a Deus e que tem vida emprestada!” Assim, coloquei em meu coração que serviria à causa de Deus. Porém, sempre gostei de ciências biológicas e não me imaginava pastor. Mas, após um período de fraqueza espiritual, resolvi cursar Teologia, apenas como forma de fortalecer meu relacionamento com Deus, e então seguir na área de meu interesse. Mas Deus tinha outros planos e, nos dois últimos anos do curso teológico, durante o estágio, percebi que não poderia fazer outra coisa que não fosse o pastorado. O fato de haver nascido em uma família pastoral também contribuiu. Meus pais sempre foram sinceros, decididos a obedecer a Deus e andar nos Seus caminhos. Jamais os ouvimos criticar líderes, colegas ou membros da igreja. Do meu convívio na igreja destaco a influência de pastores como Siegfried Kumpel, Jerônimo Garcia e João Linhares. No colégio, não posso esquecer a fidelidade, competência profissional, capacidade de amar e aceitar um adolescente rebelde como eu, demonstradas pelos professores Oly Pinto e Nair Ebling.

**Ministério:** Fale sobre sua experiência pastoral.

**Marcos:** No início do ministério, a frustração com o próprio desempenho e as dificuldades de relacionamento eram tão grandes que, por três vezes, pensei em devolver a credencial. Então, Deus me mostrou que Ele é quem devia estar no comando de minha vida e que, por isso, eu não tinha direito de tomar decisões que apenas a Ele cabia tomar. Foi então que Ele me fez conhecer o irmão Antônio Fragoso, homem apegado à Bíblia, missionário e muito disposto a servir. O estilo de vida desse irmão e os conselhos que dele recebi me levaram a desistir de querer ser um pastor bem-sucedido. Passei a buscar principalmente as coisas do alto e um novo coração. “Posso não ser um pastor de sucesso”, pensei, “mas, como qualquer pessoa, posso ser um cristão de sucesso! Se apenas chegar ao Céu, os fracassos da Terra terão passado, e terei ganhado tudo o que alguém pode querer ganhar.” Então, comecei a buscar a Deus de forma diferente, e a rogar por um coração novo. E as coisas começaram a mudar. Hoje, penso que é muito mais simples ser cristão do que ser pastor. Se eu for um cristão íntegro, Deus controlará meu ministério.

**Ministério:** Como secretário ministerial, qual é a descrição que o senhor faz de um grande pastor?

**Marcos:** Penso que, aos olhos de Deus, um grande pastor nunca se vê como tal, mas se vê como homem comum, com defeitos, e deseja se aproximar do Senhor. Em vez de querer atuar como pastor, age como “homem de Deus” chamado para, em nome dEle, buscar santidade de caráter e levar outros pecadores para mais perto do Senhor. Um grande pastor será reconhecido como homem de Deus, primeiramente, pela esposa e filhos; depois, pela igreja e, finalmente, pela comunidade. Sua influência é quase irresistível!

Precisa haver uma tensão saudável entre a busca por santidade pessoal, pela santidade em família, por crescimento teológico e intelectual, visão missionária, hábitos e rotina de trabalho, estilo de vida temperante (incluindo exercício físico diário), tudo isso harmonizado por um bom nível de inteligência emocional, que é o azeite dos relacionamentos. Somente uma pessoa cheia do Espírito Santo poderá equilibrar satisfatoriamente essas variáveis.

**Ministério:** A comunicação virtual é uma tentação para distanciar o pastor do rebanho. Como ele deve fazer para equilibrar o uso das modernas tecnologias e o contato pessoal?

**Marcos:** O desequilíbrio no uso das ferramentas virtuais é um poderoso elemento alienante que pode distanciar o pastor do rebanho e da própria família. Já dizia Salomão que “a sabedoria é o alvo do inteligente, mas os olhos do insensato vagam pelas extremidades da Terra” (Pv 17:24). Evidentemente, não podemos ignorar as novas tecnologias de comunicação, mas quem gasta muito tempo nesses ambientes provavelmente terá falta de tempo para o contato pessoal com o povo e outras coisas importantes. Deus não enviou Seu Filho de modo virtual, mas “encarnacional”. Por outro lado, especialmente nos grandes centros, é real a dificuldade do pastor para encontrar famílias em casa, durante a visitação. Mas, como ministros de Deus em favor de seres humanos, não podemos nos acomodar às circunstâncias. Precisamos desenvolver rotinas de trabalho muito estritas, procurar alternativas para contornar o problema.

**Ministério:** Em sua opinião, qual é o principal aspecto da nossa pregação em que precisamos aprimorar?

**Marcos:** É justo esperar que a pregação nas igrejas adventistas encare o desafio de se manter ao mesmo tempo atraente, relevante e “adven-

tista”. Às vezes, parece que o desejo de identidade evangélica e o medo de sermos considerados “seita” afetam nossa pregação. Felizmente, em Apocalipse 10-14, Deus estabelece com muita clareza os assuntos que compõem a “verdade presente”, que é relevante, e o rumo da pregação adventista. É surpreendente a reação das pessoas quando ouvem sobre as mensagens apocalípticas e as doutrinas distintivas do adventismo. Elas querem ser lembradas de que Cristo está voltando, de que é preciso haver preparo, mas também de que Ele recebe, justifica e santifica pecadores. A pregação relevante é aquela que está contextualizada com a “verdade presente”, ou seja, com os temas relacionados ao plano da salvação, aplicados à época em que as pessoas estão vivendo. Para Noé, a verdade presente foi a necessidade de entrar na arca; para João Batista, preparar o caminho do Messias. Assim, também devemos preparar o caminho para a volta de Jesus. Porém, não é apenas o assunto que torna a mensagem relevante e eficaz. O mensageiro também é importante no processo. Além de ter vida íntegra, deve estar cheio do Espírito Santo. Querendo destacar a importância da oração para a pregação, alguém disse: “Se você tiver dois tempos, gaste um preparando o sermão e o outro orando, para ser utilizado pelo Espírito Santo. Se tiver apenas um tempo, utilize-o orando”.

**Ministério:** *Empenhados em tornar a pregação mais comunicativa, alguns pregadores se valem de trejeitos teatrais e divertimento. Mas a pregação é instrumento de instrução espiritual. Como equilibrar comunicação e sólida nutrição espiritual no púlpito?*

**Marcos:** Alguém disse que, quando o pastor assume o púlpito, ocupa um lugar que não lhe pertence. Na verdade, está apenas representando Alguém. Portanto, não tem o direito de falar o que quiser nem como quiser. Seu dever é envidar todo o

esforço para exaltar a mensagem e o Autor dela, a tal ponto que o mensageiro passe quase despercebido. Mas quando não existe uma mensagem sólida, ou quando as vaidades precisam ser incensadas, o pregador não tem outro recurso senão divertir a congregação até que o relógio termina com o sofrimento do povo.

*“Um grande pastor age como homem de Deus, chamado para buscar santidade de caráter e levar pessoas para mais perto do Senhor”*

**Ministério:** *O que fazer para que nem os departamentos da igreja fiquem sem divulgação nem o povo fique sem alimento espiritualmente nutritivo?*

**Marcos:** Tanto substituir o momento da pregação da Palavra por promoção, como não divulgar o programa da igreja, julgando-o desvinculado das coisas espirituais, prejudicam a igreja. Ao promover um projeto de trabalho, como por exemplo, “Amigos da Esperança”, o pregador deve orar para que o Senhor o ajude a apresentar o tema dentro da moldura do Grande Conflito e das três mensagens angélicas. Assim, tanto o programa será promovido como a igreja será espiritualmente alimentada e pecadores serão convertidos.

**Ministério:** *Com tantas atividades para realizar, o pastor tende a dedicar pouco tempo ao estudo e preparo de sermões, bem como para atender a família. O que o senhor sugere para que o tempo seja mais bem aproveitado?*

**Marcos:** Quem permite que o acaso forme sua agenda acaba estressado, perde o controle da vida, desestruturando-a. Quanto mais o excesso de compromissos ameaçar deixar de fora algo essencial, tanto mais importantes serão nossos hábitos diá-

rios e rotina, estabelecidos com base na oração e na Revelação, e não na vontade humana. Penso que precisamos ser verdadeiramente radicais na questão de buscar ao Senhor na primeira hora do dia, tanto em particular como em família. Quem também estabelece o hábito de, depois da Bíblia, estudar diariamente uma porção do Espírito de Profecia desenvolverá bons valores para nortear as prioridades. Essa pessoa saberá que existem coisas que não são consideradas trabalho, mas que não podem ficar fora da rotina diária sem grande perda: horário para acordar, comunhão pessoal, culto familiar, tempo com a família, exercício físico diário, sono suficiente, alimentação apropriada e nos horários certos, horário para dormir. Tudo isso forma a base de apoio ao trabalho que também precisa ser sistematizado através de rotinas com horários estabelecidos para planejamento e estudo, visitas, preparo de sermões e outras atividades. Terá vantagem quem melhor organizar a rotina e, com ajuda do Espírito Santo, desenvolver domínio próprio para segui-las.

**Ministério:** *Se tivesse que falar ao pastorado adventista sul-americano apenas uma vez, o que lhe diria?*

**Marcos:** Faria o sermão que tenho procurado fazer para mim mesmo todos os dias, sobre a necessidade de receber o derramamento do Espírito Santo em porções diárias. Para isso, sei que preciso fortalecer ainda mais o hábito de buscar ao Senhor na primeira hora do dia, passando tempo em oração e estudo de Sua Palavra. Mas, como consagração sem envolvimento na missão é ilusória, tenho rogado a Deus que crie em mim algo que não me é natural: amor que me leva a trabalhar por outras pessoas. Creio que chegou o tempo em que devemos rogar para que reavivamento e reforma não sejam apenas um “novo” programa da igreja, mas uma realidade em nossa vida! ▀



# A voz do pregador

**G**osto de comparar o profissional da voz (professor, cantor, pastor) a um atleta. Isso porque o comprometimento que ele deve ter com a qualidade, habilidade e saúde vocal deve ser comparado ao dos atletas em seu treinamento, habilidade e condicionamento físico. A voz tem papel singular, sendo um dos primeiros contatos entre as pessoas. Além de transmitir informações sobre quem fala, estabelece vínculo com quem ouve. Esse vínculo é fortalecido pela emissão vocal de qualidade.

É recomendável que se tenha um programa diário de cuidado com a voz, como alongamento, aquecimento e desaquecimento. Lembre-se de que mesmo sendo pastor capacitado, ao utilizar inadequadamente a voz, você estará sujeito a alterações vocais passageiras, que reincidem ou que podem se tornar permanentes, resultando em prejuízos relacionais, profissionais e pessoais.

## Saúde vocal

### Para conservar a boa saúde da voz, siga estas orientações:

- ◆ Beba bastante água, mantenha o corpo hidratado para o bom funcionamento das pregas vocais.
- ◆ Coma alimentos saudáveis e de fácil digestão, principalmente antes de falar, mantendo o corpo com energia para a atividade e permitindo movimentação livre para o diafragma.
- ◆ Mantenha postura adequada, para otimizar a emissão vocal com melhor uso do diafragma e evitar tensões na região da laringe.
- ◆ Mantenha hábitos saudáveis de sono (local, colchão, travesseiros e higiene). Uma noite mal dormida pode ser percebida pela voz matinal.
- ◆ Evite pigarrear (raspar a garganta), tossir com força, gritar e sussurrar. Esses hábitos são agressivos para as pregas vocais, gerando grande atrito entre elas, podendo ocasionar lesões. Com o aumento da hidratação, diminua os hábitos de tossir e pigarrear.
- ◆ Faça sempre boas escolhas no vestuário, mantendo confortáveis as regiões da cintura e do pescoço.
- ◆ Não faça automedicação. Mesmo pastilhas e sprays devem ter indicação médica.

## Exercícios

Antes de começar a falar, faça alongamentos diários na região dos ombros, pescoço, braços, tronco e face.

### Pratique estes exercícios de aquecimento vocal:

- ◆ Vibração de lábios. Emita o som "brrrr..." resultante do atrito do ar com os lábios.
- ◆ Vibração da língua. Fruto do atrito do ar com a língua e a cavidade bucal, produzindo o som "trrrrr..."
- ◆ Para ajuste da intensidade da produção do som e da passagem de ar pelas pregas vocais, emita o som do "sssss" de forma contínua, equilibrando o volume do som e da quantidade de ar que sai, tornando-o o mais homogêneo possível.
- ◆ Para ajustar a ressonância adequada do som e melhor articulação, produza o som "M" continuamente, de lábios fechados, como se estivesse mastigando. Depois, acrescente as vogais abrindo os lábios. Exemplo: "mmmmmmmm...aaaaa"; "mmmmmmmmmm...eeee".

Faça isso de forma livre e tranquila, sem tensões, respirando entre os exercícios.

Para o desaquecimento vocal, procure realizar vibração de língua e de lábios, assim como alongamento dos ombros, pescoço, braços, tronco e face, para relaxar após a performance.

No ambiente de trabalho, tenha cuidado com mudanças bruscas de temperatura. Mantenha limpo o local, inclusive aparelhos de ar condicionado e ventiladores. Evite a competição sonora (falar em ambiente com barulho – presença de sons externos e conversas). Isso faz com que o orador seja forçado a aumentar a intensidade da produção vocal.

Caso após os exercícios, ou mesmo com eles, você apresentar alguma alteração ou cansaço vocal, procure o otorrinolaringologista e o fonoaudiólogo para o devido acompanhamento. O fonoaudiólogo poderá estabelecer um programa de acordo com as especificidades de sua voz. ▀





Professor de Teologia na  
Universidade Adventista  
do Chile

# Características do **sermão** eficaz

*É nosso privilégio expor uma sólida mensagem bíblica em linguagem inteligível para os ouvintes de hoje*

Quais são as características da pregação eficaz? Pode haver múltiplas respostas para essa pergunta. Ao tratar do assunto neste artigo, o dividiremos em duas partes: a primeira apresenta as condições fundamentais gerais para o sermão eficaz. A segunda parte apresenta suas três principais características.

A primeira consideração está relacionada com o movimento do particular ao público. A pregação de um sermão é um acontecimento público espiritual que procura persuadir a audiência. O assunto que foi estudado, sobre o qual o pregador meditou e pelo qual orou, no âmbito particular, e que Deus lhe pôde comunicar, se torna uma proclamação pública, um grito que destaca a importância do que é tratado.

A segunda consideração é que o sermão será eficaz na medida em que o Espírito Santo dirigir o pregador. Ele faz com que o sermão se constitua um evento espiritual. É assim, porque, segundo Ellen G. White, “Deus pode ensinar-lhes mais em um momento pelo Seu Santo Espírito, do que vocês poderiam aprender com os grandes homens da Terra” (*Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 119). E porque Ele “é o único Mestre eficaz da verdade divina” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 671).

Todo ato de falar em público deve ser persuasivo, pois a persuasão é importante para o pregador. Porém, nenhuma intensidade de persuasão pode desprezar o poder do Espírito Santo. É Ele quem invade a consciência, convence do pecado e silen-

ciosamente persuade o ser humano a abrir o coração a Deus. Por mais importante que seja a persuasão, a eficiência do pregador não deriva do carisma pessoal (que apenas pode seduzir), mas do Espírito de Deus tomando posse de Seu servo e tornando-o agente de transformação.

A terceira condição para a pregação eficaz diz respeito ao uso do sentido comum, que é um sólido e prudente juízo fundamentado em uma percepção simples da situação ou de atos captados pelos sentidos. Por exemplo, por que Davi escolheu cinco pedras lisas (1Sm 17:40)? Porque o lançamento seria mais certo com munição apropriada. Davi tinha fé, mas também tinha senso comum santificado. Não disse apenas: “O Senhor agirá; assim,

posso usar qualquer pedra.” Ao escolher pedras lisas para acertar o alvo, ele reconheceu a responsabilidade humana e a providência divina. À luz desse exemplo, a pregação eficaz requer trabalho árduo com o texto, escolha de palavras que facilitem a comunicação oral, definição do que dizer ou não dizer, entre outras coisas. Num sentido amplo, Ellen G. White defende o equilíbrio entre teologia e sentido comum (*Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, p. 257).

*“Um bom sermão pobremente apresentado não é melhor que um pobre sermão apropriadamente apresentado”*

### **Pregação expositiva**

A pregação eficaz deve ser expositiva, e podemos entendê-la a partir de quatro perguntas: O que é? O que não é? O que pretende? Como funciona?

Pregação expositiva não é uma exposição de observações interessantes nem sugestões baseadas na filosofia pessoal do pregador. Sob essa ação, o ouvinte recebe palavras do homem para que sejam consideradas, em vez da Palavra de Deus para ser crida. A pregação expositiva tenta expor a mensagem do Senhor, conforme se encontra na Bíblia. Falando claramente, é pregar as Escrituras como a Palavra de Deus. Era assim a pregação apostólica.

Em consequência disso, a pregação expositiva pretende, primeiramente, apresentar a Palavra de Deus. Essa Palavra nos põe em contato com seu autor que é Deus, o Senhor dos eventos, o herói de cada narrativa. Em segundo lugar, a pregação expositiva age como ponte, ou seja, pode evitar a distância cultural, geográfica, linguística, filosófica e histórica que temos hoje em relação aos tempos bíblicos. Em terceiro lugar, sendo dependente de um estudo sério do texto bíblico, a pregação expositiva nos afasta das especulações huma-

nas. A escassez de uma pregação expositiva intencional não somente está fundamentada em uma teologia fraca, mas também conduz à confusão carismática, ao misticismo e às aventuras psicológicas.

A séria consideração da Palavra requer árduo trabalho com o texto e com a exposição no púlpito. Não se trata de citar a Palavra (como faziam os rabinos no tempo de Jesus), mas pregar a Palavra que é o próprio Jesus Cristo. É muito mais que citar argumentos a ser captados de maneira cognitiva: expõe o plano de felicidade de Deus para os homens. Finalmente, a pregação expositiva facilita o trabalho do Espírito Santo. A Bíblia foi dada pelo Espírito na linguagem da humanidade, de modo que essa seja alcançada pelas boas-novas.

A quarta pergunta está relacionada ao método pelo qual a pregação expositiva funciona para alcançar seu objetivo. Ela sempre busca o equilíbrio entre conteúdo bíblico e a aplicação à vida dos ouvintes. Como conseguiu-lo? Primeiramente, oferecendo a informação bíblica de que a pessoa necessita para compreender a passagem. Na exegese, procura-se extrair o significado do texto, considerando o tempo do verbo principal e observando onde a língua original coloca ênfase.

Esses dois aspectos são fundamentais para a compreensão do texto. E essa compreensão não é acidental, mas é conseguida mediante disciplinado estudo, numa atmosfera de adoração na qual o escritório do pregador se transforma em altar. Estando no púlpito, ele não pronuncia palavras gregas ou hebraicas a esmo, o que pode ser interpretado como uma viagem do ego e distanciá-lo da audiência. A informação coletada na exegese deve ser posta à disposição das pessoas, em um formato adaptado a elas e que seja aplicável à condição humana.

O que é apropriado é a exposição que, por sua vez, está fundamenta-

da em um trabalho exegético sólido, ou seja, o significado do texto original posto em palavras comuns, de uso diário e dentro do que envolve a comunicação oral, não escrita. É a exposição feita às pessoas que lhes dá nutrição espiritual e as leva a fazer decisões transformadoras da vida. Nesse contexto, o alvo do pregador não é ser mais popular nem especular ou imaginar, mas explicar a Palavra e aplicá-la à vida das pessoas. Por exemplo, depois de estudar a teologia paulina da cruz, na carta aos gálatas, tendo estabelecido o tema do sermão: “Que nos ensina a cruz de Cristo em Gálatas 1:3-5?”, indique pelo menos quatro ensinamentos.

A aplicação do sermão nos leva de volta ao sentido comum. Podemos ser bíblicos em nossa pregação e não ser contemporâneos. Nesse caso, a audiência do primeiro século nos entenderia melhor que a atual, devido à carência de aplicação da mensagem. Alguns ouvintes saem da igreja perguntando a si mesmos o que poderiam fazer melhor na semana seguinte, no lar, escola ou trabalho, com o que ouviram no sábado. Se não encontrarem uma resposta clara, é sinal de que a aplicação esteve ausente ou obscura. A solução não é um mero procedimento mecânico a ser posto em ação.

É conveniente lembrar que a aplicação da Palavra também é dependente do Espírito. Às vezes, o processo de encontrar e aplicar os princípios bíblicos parece mais mecânico do que espiritual. Onde entra Deus nesse processo? Será que Ele apenas nos deixou um conjunto de princípios pelos quais viver, e saiu de férias? Se esse foi o caso, os fariseus estariam certos, no sentido de que a verdadeira religião implicaria simplesmente a escrupulosa observância de 613 mandamentos, em lugar de relacionamento vivo com Deus, e que a vida eterna envolveria fazer em vez de conhecer. Nesse caso, a meditação, a contemplação de Cristo, como é entendida na tradição teológica adventista, é

de suprema importância. Paulo nos recomenda que consideremos seu conselho e que peçamos entendimento ao Senhor (2Tm 2:7). Devemos ler e reler o texto, ruminá-lo e, de joelhos, obter a aplicação.

### Lições de ontem para hoje

A aplicação da Bíblia nos leva a considerar que ela é temporal ou concreta e atemporal. É temporal porque fala de situações específicas, porque Deus está pessoalmente envolvido na vida de Seu povo, falando às necessidades dele. É temporal porque tem exemplos concretos em vez de abstratos. Em vez de nos fornecer um tratado teológico sobre a dor e o sofrimento, nos deu o livro de Jó, assim como nos deu a vida de Abraão, para nos ensinar como crescer em confiança e fé em Deus.

Contudo, a natureza concreta da Bíblia cria alguns dilemas, pois nossos problemas e situações nem sempre estão diretamente relacionados com as situações concretas das Escrituras. Por exemplo, Deus não nos chama a abandonar Ur dos Caldeus, muito menos somos cativos do Egito. A destruição de Jericó não significa que temos que rodear alguma grande cidade, sete vezes, para conquistá-la.

A Escritura também é atemporal ou aplicável a todos os tempos. Assim como Deus falou às audiências originais, também nos fala hoje. Isso porque compartilhamos com os personagens bíblicos a mesma humanidade e os mesmos problemas. Há “Bate-Sebas” que lutam contra a luxúria, “Belsazares” lutando contra o orgulho e arrogância. Não temos o mesmo espinho que incomodava Paulo, mas também sofremos dores e incômodos em meio aos quais Deus nos diz: “Minha graça te basta” (2Co 12:9). Devemos honrar os pais ainda hoje (Ef 6:2) e cremos que o amor é o melhor caminho (1Co 13).

Paulo nos deu um exemplo de como uma situação bíblico-histórica iluminava sua atitude no ministério. Esse exemplo assinala um caminho para a aplicação bíblica aos ouvintes

de hoje. O precedente está em um canto no Antigo Testamento (Dt 25:4). Séculos mais tarde, os apóstolos foram acusados de ser aproveitadores da hospitalidade alheia. O apóstolo usou várias analogias para demonstrar que eles tinham o direito de ser apoiados (1Co 9:7-9). Ele entendeu a situação original quanto ao mandato sobre os bois, em Deuteronômio. Se estava ajudando na colheita, o boi merecia parte dela. Ao mencionar outras ocupações à parte da tarefa do boi, Paulo aplicou um princípio mais amplo, ou seja, animais e pessoas têm direito a receber salário pelo trabalho que realizam. O apóstolo entendeu que esse princípio geral podia ser aplicado à sua situação particular. Outras passagens bíblicas que aparentemente são irrelevantes para a realidade do século 21 podem ser aplicadas seguindo esse esquema.

É nosso privilégio expor uma sólida mensagem bíblica em linguagem inteligível para os ouvintes de hoje, aplicando a Palavra viva de Deus, de modo que a vida de cada receptor seja transformada pelo Espírito do Senhor. Porém, isso não é tudo. A mensagem deve ter a luz da exegese e também o calor de uma exposição ilustrada, além de outras ferramentas da comunicação oral.

### Ilustrações e outros recursos

Tão importante como o conteúdo é o modo de apresentar o sermão. Prestar cuidadosa atenção ao conteúdo representa somente metade da tarefa. Um bom sermão pobremente apresentado não é melhor que um pobre sermão apropriadamente apresentado. O pregador pode ser honesto e consagrado, ter uma mensagem bíblica e, mesmo assim, causar reduzido impacto. Poucas pessoas, ou nenhuma, podem se lembrar, às 16h de sábado, sobre o que tratou o sermão. Talvez, menos provável é que se discuta o conteúdo depois do almoço em família. Por isso, as ilustrações bem como uso de aforismos são importantes. O que faz com que você se lembre de um sermão que

ouve há muitos anos? Por que, ao pensarmos em Martin Luther King, imediatamente pensamos na frase: “Eu tenho um sonho”?

O Mestre dos mestres costumava usar comparações para que a audiência se movesse do conhecido para o desconhecido; despertava imagens mentais que facilitavam o aprendizado. Estima-se que Jesus tenha usado aproximadamente 130 aforismos: “buscai e achareis” é um deles.

Há, pelo menos, três vantagens no uso de aforismos. Primeira, parecem ter a verdade ou expressam nossas tentativas de formular verdades. Segunda, uma afirmação curta e sugestiva pode abarcar muito mais do que é dito literalmente. Terceira, graças à sua variedade, podem constituir maior estímulo à reflexão do que grandes textos. Essa variedade os torna também alvos fáceis de concordância ou discordância.

Certa ocasião, ao declarar que os colportores deviam ser assalariados, porque, não importando quão honestos fossem, seriam tentados a pensar que não podiam viver livres de dívidas, Ellen White disse: “Que o celeiro seja trancado com chave antes que o cavalo seja roubado” (*Carta 90*, 1901). Ela também usou um pouco de ironia. Ao falar sobre o trabalho pelos necessitados, disse que “grande disposição para aliviar as necessidades dos pobres é um pecado do qual bem poucos são culpados e que deveria ser generosamente perdoado”. Ela podia ver o lado luminoso de uma situação desagradável.

Finalmente, há um conselho que ela daria a cada pastor e pregador: seja breve. “Não mantenha o povo em seu sermão mais de trinta minutos” (*Carta 1*, 1896). Dos conselhos que ela deu podemos extrair estas lições: Selecione um tema, o que implica decidir sobre o que falar e o que não falar. Torne claros os pontos importantes. Apresente um ponto de cada vez, fundamentado na Palavra de Deus. Faça um discurso curto (trinta minutos). Respeite a capacidade de concentração de um adulto. ■



Professor de Teologia,  
jubilado reside em  
São Paulo, SP

# O fator insubstituível do culto

*Como parte da liturgia, o sermão  
deve possibilitar o encontro de  
Deus com Seu povo*

**E**mbara muitos membros perguntem a si mesmos por que precisam ir à igreja, a verdade é que eles têm uma compreensão clara de que não há religião sadia numa vida solitária. Se existiu alguém que não precisava ir aos cultos, levando em conta o relacionamento que tinha com Deus, esse alguém foi Jesus. Ele não concordava com tudo o que ouvia e via na sinagoga, às vezes criticava a liturgia vigente, mas nunca deixou de ir aos cultos “segundo o Seu costume” (Lc 4:16).

No momento em que aceitamos os ensinamentos da igreja e dizemos “sim” ao voto batismal, ingressamos em uma comunidade de santos e é nosso privilégio adorar a Deus na companhia deles. Inspirado por Deus, Davi escreveu: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à casa do Senhor” (Sl 122:1). E diz mais: “Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos” (Sl 133:1).

O culto nunca deve ser uma penitência; é um encontro com Deus, para adorá-Lo “na beleza da Sua santidade”. É o reconhecimento de que estamos na presença de Alguém mais elevado e melhor do que nós. Por isso, Lhe oferecemos nossos pensamentos, nossa gratidão e nossas

aspirações, dedicando-Lhe tempo, talentos e recursos.

Consequentemente, o adorador deseja e espera um culto que fortaleça sua fé; que a pregação seja espiritualmente nutritiva e que os cânticos e orações alegrem o coração. Para que esse propósito seja alcançado, os organizadores do culto devem se preocupar com a estrutura dele, ou seja, sua liturgia. Nada deve congestionar as avenidas da mente desejosa de receber as bênçãos divinas. A programação do culto deve ser significativa e progressiva. Cada parte deve contribuir para que o adorador concretize sua dedicação pessoal. Nada de mistura de atividades desconexas, sem relacionamento entre si.

Infelizmente, a estrutura do culto contemporâneo tem sido orientada horizontalmente, em vez de ser vertical. Música e sermão são apresentados de tal maneira a desenvolver mais o sentimentalismo, companheirismo e sociabilidade. É uma celebração em si; e seu conteúdo é relegado à esfera do misticismo. Quase não existe afirmação de fé nem de aspirações em busca de Deus como fazia Davi (Sl 42). Ser erguido verticalmente em busca de Deus é ter uma religião sadia, orientação divina e não introvertida.

### Responsabilidade pastoral

Somente quando damos a devida atenção a todos os pormenores de uma liturgia correta, com o devido preparo e consciência do que realmente seja o culto, é que podemos levar os ouvintes à verdadeira adoração e à presença de Deus.

Nenhum pormenor do culto deve ser tratado levemente. Todo aspecto é importante e significativo. “Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino deve ser tratado com negligência ou indiferença” (Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 193). Deus ordenou que a adoração fosse atraente, bela e inspiradora. Não devemos confundir humildade com mau gosto e desleixo. A adoração é destinada a ser uma experiência agradável na vida dos fiéis. Não foi idealizada para debilitar, mas para fortalecer. “Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu nome; trazei oferendas e entrai nos Seus átrios; adorai o Senhor na beleza da Sua santidade” (1Cr 16:29).

O Senhor designou que a verdadeira adoração nos tornasse felizes, que nos desse segurança agora e nos preparasse para o Céu. E o pastor é essencialmente responsável pelo culto. Ele deve estar bem consciente da santidade e da importância do culto, bem como de todas as suas implicações. Em virtude do seu preparo acadêmico e vocacional, o pastor precisa ser condizente com a dignidade de sua função, sendo participante convicto na liturgia.

Durante o culto, espera-se que o pastor se ponha dignamente, cantando com a congregação, evitando colocar as mãos nos bolsos e se sentar com pernas cruzadas. Não deve ficar revirando ou lendo o sermão, procurando passagens bíblicas, distraíndo-se, muito menos ficar conversando à plataforma. Deve participar do culto, pois também é um adorador. O que ele fizer afetará os adoradores e o desenrolar do culto. O pastor que negligenciar o dever de propiciar uma digna atmosfera de culto, facilitando a comunhão com o Senhor, estará em falta diante de Deus.

Segundo Karl Barth, “o culto constitui a ação mais momentosa, mais urgente e mais gloriosa que pode acontecer na vida humana”. Na cultura adventista do sétimo dia, o culto de sábado pela manhã parece ser o mais destacado. É nele que se tem maior concentração de pessoas, o que, muitas vezes, favorece a realização de atividades alheias à experiência de adoração. Liderando uma igreja com um programa rico e abrangente, precisamos alcançar com esse programa o maior número de pessoas. Por isso, na promoção dele somos tentados a atropelar o culto, deixando-o empobrecido espiritualmente. São atividades, e até cerimônias importantes, que podem e devem ser feitas em outro horário.

O programa da igreja não pode nem deve ser negligenciado. Porém, a máquina não deve fazer tanto barulho, nem funcionar tão desordenadamente, que nos impossibilite ouvir a voz de Deus durante o culto. O membro da igreja que, no culto, tiver um encontro com Deus, estará mais disposto e pronto a responder aos apelos do Senhor para o envolvimento na missão. Portanto, a melhor promoção para o desenvolvimento da igreja é um efetivo e bem organizado programa de culto, sob a inspiração do Espírito Santo.

É durante o culto que muitas pessoas fazem sua decisão ao lado de Cristo. Sempre que o culto for devidamente planejado, organizado e executado,

sob a direção do Espírito do Senhor, os adoradores verão a glória de Deus encher a casa de oração (1Rs 8:11).

*“A pregação é a ponte entre Deus e o homem. É o chamado de Deus e a resposta do homem”*

### Ponte entre Deus e o homem

O sermão é o elemento dominante no culto. Na verdade, de maneira geral o sermão deve ocupar um terço do culto. Mas, o que costumeiramente acontece é um desequilíbrio nas diferentes partes, gerando transtornos desagradáveis. Sendo que o sermão está inserido na liturgia, ele deve ocupar corretamente seu lugar, e todas as demais partes devem se completar harmoniosamente, culminando com a pregação que leva os adoradores aos pés da cruz.

Como parte do culto de adoração, o sermão deve possibilitar o encontro de Deus com Seu povo. O pregador deve ser o porta-voz de Deus expondo as Escrituras. No plano divino, o sermão não é apenas alguma coisa boa feita por um homem bom. Não é meramente uma palestra teológica ou bíblica; não é um comentário sobre eventos correntes, não é alguma coisa que qualquer orador possa dar. A pregação é Deus Se revelando, nos alcançando e apelando para que façamos decisões para a eternidade.

Paulo instou seriamente a Timóteo, com estas palavras: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela Sua manifestação e pelo Seu reino: prega a Palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina” (2Tm 4:1, 2).

Observe a veemência deste comentário a respeito do mencionado texto: “Nessas incisivas e fortes palavras, torna-se patente o dever do pastor de Cristo. Ele tem de pregar a ‘Palavra’, não as opiniões e tradições dos homens, não fábulas apazíveis nem

histórias sensacionais, para mover a imaginação e despertar as emoções. Não deve exaltar-se, mas, como na presença de Deus, colocar-se perante o mundo a perecer, e pregar a Palavra. Não deve haver nenhuma leviandade, nenhuma frivolidade, nenhuma interpretação fantasiosa; o pastor deve falar com sinceridade e profunda seriedade, como uma voz vinda de Deus a expor as Sagradas Escrituras. Cumpre-lhe oferecer aos ouvintes aquilo que é de maior interesse para seu bem presente e eterno” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 147).

Não existem alternativas. A pregação tem não somente seu ponto de partida em Deus, mas também nele tem seu fim; e isso é possível somente por meio da pregação da Palavra.

Evidentemente, existe na adoração o diálogo entre a Palavra de Deus e a palavra do homem, entre Deus e o homem, entre o homem e o semelhante. A pregação é completa quando a Palavra de Deus encontra ressonância no homem a quem ela é dirigida. Por isso, a pregação é a ponte que une Deus e o homem. É a dinâmica da adoração que o profeta Isaías descreve no capítulo seis de seu livro. É o chamado de Deus e a resposta do homem; a confissão humana e o perdão divino. É a proclamação da Palavra e a dedicação do adorador; o chamado ao serviço e a promessa de poder para o cumprimento da tarefa. É a pregação que confere existencial contemporâneo à adoração e se relaciona com a vida dos adoradores.

Os membros das igrejas amam e respeitam o pastor, mas estão preocupados com a qualidade dos sermões que estão ouvindo. Muitos estão orando para que seu pastor lhes pregue a Palavra que alimenta e sustenta com o “Pão do Céu”; ou estão pedindo a Deus que mande outro pastor que faça isso. Podemos estar envolvidos e ter êxito na execução de muitas atividades da igreja; porém, se fracassarmos no púlpito, apresentando preleções, palestras ou discursos morais, filosóficos, éticos e sociais, ainda que banhados em fina erudi-

ção, a igreja não perdoará, porque não existem substitutos para a pregação.

### **Pagando o preço**

Um dos momentos mais significativos da vida de um pastor é quando ele se coloca atrás do púlpito pregando a Palavra de Deus. Nada, absolutamente nada, deve impedi-lo de se tornar um grande pregador para a glória de Deus e salvação de pessoas. Essa é a mais santa ambição que o pregador deve almejar. Porém, isso significa que deve também estar disposto a pagar o preço, ou seja, investir longas horas em estudo da Bíblia, oração e meditação. Antes e acima de tudo, deve praticar e viver o sermão.

Sermões não são iguais a cogumelos que nascem numa noite. São como o trigo: primeiramente, é semeado e cultivado. Então, nasce a espiga e depois o grão é colhido. O trigo não está pronto para a colheita nem para ser usado, até que esteja completamente maduro. Igualmente, os sermões devem crescer à completa maturidade no solo fértil da mente e do coração do pregador, enquanto é regado pelo Espírito Santo e aquecido pelo Sol da justiça. Somente quando o pregador cava profundamente os grandes temas da Bíblia e enche a mente e o coração com a mensagem, é que deve extravasá-la para os ouvintes.

Todo pregador deve estar bem consciente de que os bancos de qualquer igreja, grande ou pequena, estão ocupados por muitos homens e mulheres educados nas modernas formas de pensamento. Embora eles não exijam que o pastor seja intelectualmente brilhante, esperam que seja intelectualmente competente. Títulos e diplomas são necessários, mas têm pouca significação, a menos que a mente progrida em forma contínua. O pastor não pode ser um preguiçoso mental; deve estudar sempre. Falsa intelectualidade é perigosa, cultura secular não é bastante. A suprema qualificação do pregador é a qualidade de sua vida espiritual. Em todos os aspectos de

seu trabalho, ele deve dar evidência inconfundível de uma experiência constantemente renovada com Deus. Preste atenção nisto, pastor: é sua espiritualidade que lhe dá autoridade e conquista o respeito, afeto e confiança dos ouvintes.

### **Falha imperdoável**

É nossa a convicção de que “do nada só pode sair nada”. Querer pregar, sem ler, estudar, pesquisar, meditar, escrever, reescrever e, acima de tudo, orar, fará com que o pregador somente murmure banalidades e desculpas, fale muito e diga pouco, mostre-se cheio de palavras, mas vazio de pensamentos, pobre de convicção e de poder. Comunhão espiritual negligenciada é sinônimo de futilidade no púlpito.

Não podemos deixar de mencionar que, em toda pregação, o centro deve ser Cristo. Um sermão sem Cristo não é pregação. Pode ser uma palestra, conferência ou dissertação. De todas as falhas que possam ser vistas em um pregador, a ausência de Cristo é realmente imperdoável. Colocar Cristo no sermão não é opção. Diz-nos Ellen White: “A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário... o Filho de Deus erguido na cruz. Isso tem de ser o fundamento de todo discurso feito pelos nossos pastores” (*Obreiros Evangélicos*, p. 315).

Finalmente, o trabalho do pastor não está resumido ao púlpito. Há muita coisa para fazer e, por isso mesmo, ele ocupa posição singular entre as muitas vocações, inspirando fé, esperança e amor em meio ao temor, à dúvida e ao ódio que envolvem a família humana. Nessa tarefa, o pastor é assistido pelos anjos celestes. Mas, ele é o mensageiro do Senhor. O púlpito tem lugar central no pastorado. Estando ele escondido atrás da cruz de Cristo, os ouvintes ouvirão e responderão à poderosa mensagem de salvação. ■

Secretário ministerial da  
União Nordeste-Brasileira

# Viva o que você prega

*“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da verdade” (Paulo)*

**A** “relação lógica entre ideias, situações ou acontecimentos” dá-se o nome de coerência. Neste artigo, ela desponta como o princípio de não contradizer através de atos o que foi afirmado verbalmente. Isso envolve discurso, comportamento e estética. O resultado de coerência ou incoerência é visto no mundo que nos cerca. Observe duas declarações da imprensa; uma usando a coerência; a outra, a falta dela: “Seu agressor é procurado pela polícia em todo o México. Apesar disso, em sua entrevista mostrou coerência, conseguiu formar frases curtas e mostrou ânimo” (*Folha de S. Paulo*, 13/03/2010). “Com relação ao papel do Estado no estímulo à inovação, as políticas do governo nesse sentido carecem de coerência e as instituições responsáveis por administrar os processos inovadores... mantêm tendências burocráticas ineficientes” (*Ibid.*, 05/03/2010).

Essas duas afirmações servem como padrão para mostrar o que se

espera do pregador ao apresentar sua mensagem. O desafio deste artigo é mostrar que a coerência entre o pregador e sua mensagem é fundamental para que ela seja ouvida, entendida e incorporada pelos ouvintes, sem ruídos incoerentes.

## Coerência com a Bíblia

Para ser coerente e poder alcançar corações, primeiramente a mensagem deve ser extraída da Palavra de Deus. Em outras palavras, todo sermão deve ser bíblico. Não se trata apenas de citar um verso bíblico no início ou no fim do discurso; o sermão deve estar fundamentado na Bíblia. Com frequência, ouvimos informações sobre fatos históricos, conquistas dos departamentos da igreja, crescimento e finanças. No fim, o pregador lê um texto, como por exemplo: “Até aqui nos ajudou o Senhor” (1Sm 7:12), e pensa que fez um sermão. Houve discurso, mas não houve sermão.

Em segundo lugar, a mensagem deve ser cristocêntrica. Não importa o tema escolhido, este deve ser sempre centralizado em Cristo. Como afirmou Ellen G. White, “de todos



os professores cristãos, os adventistas do sétimo dia devem ser os primeiros a exaltar Cristo perante o mundo... Na cruz de Cristo é que a misericórdia e a verdade se encontram, e a justiça e a paz se beijam. O pecador deve ser levado a olhar o Calvário; com a fé singela de uma criança deve confiar nos méritos do Salvador aceitando Sua justiça, confiando em Sua misericórdia” (*Obreiros Evangélicos*, p. 156). E mais: “A mensagem do terceiro anjo requer a apresentação do sábado do quarto mandamento... mas o grande centro de atração, Jesus Cristo, não deve ser deixado fora da mensagem do terceiro anjo” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 383).

Finalmente, a mensagem deve também brotar da experiência do pregador com Cristo; e da experiência adquirida em meio às lutas, alegrias e tristezas dos ouvintes. Usando esses quadros reais, o pregador deve buscar ajuda e conselho na Palavra de Deus, a fim de confortar, nutrir, orientar e ajudar os ouvintes na caminhada cristã. Não temos o direito de apresentar qualquer feno, o azedo farelo das histórias sensacionalistas, apenas para diverti-los. Os ouvintes precisam ouvir a voz de Deus através do mensageiro.

### **Teoria e prática**

O educador cristão William Morris realizou um magnífico trabalho em favor de milhares de crianças em Buenos Aires. Sua dedicação desinteressada e seu amor para com elas deram brilho ao apostolado desse homem de Deus. Não é sem razão que se tenha dito acerca dele o seguinte: “Foi uma dessas vidas que obrigam docemente a crer em Deus” (Enrique Chaij, *Ventanas de la Vida*, p. 109). “Precisamos orar e velar em oração, para que não haja incoerência em nossa vida” (Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 116). Somente um pregador cuja vida e mensagem estejam coerentemente centralizadas em Cristo é capaz de exercer influência transformadora.

Em determinada manhã, certo pregador leu para os filhos uma reflexão sobre o oitavo mandamento: “Não furtarás” (Êx 20:15). À tarde, foram ao supermercado e, ao devolver o troco, a operadora do caixa deu ao pai mais dinheiro do que devia dar. Estando com o dinheiro no bolso, já no carro, o pai disse: “Hoje ganhamos o dinheiro do sorvete sem nenhum esforço”, e contou o que havia acontecido. O filho de nove anos questionou: “Mas, isso não é roubo, papai?” Foi difícil para o pregador harmonizar aquela atitude com a mensagem ensinada pela manhã.

Aliás, este é um desafio para os pregadores: falar para a própria família. Creio que esse é o auditório mais difícil. Nossa família nos conhece muito bem, como se nos visse através da máquina de raio X. Não pregue para sua igreja, caso sua família não possa aprovar seu sermão. “Talvez vocês nunca venham a saber neste mundo o dano que causaram a algumas pessoas por seus pequeninos atos de frivolidade, vulgar conversação, leviandade, as quais estavam em completa incoerência com sua santa fé”, escreveu Ellen White (*Mensagens aos Jovens*, p. 201).

Quantos sermões estamos pregando cada semana para nossa família, que nos conhece tão bem! Em muitos casos, enquanto o pregador fala, a família está se lembrando dos atos descorteses, intolerantes, alterados, praticados em casa! Quantas esposas ouvem o esposo pregador, enquanto refletem sobre os próprios sofrimentos vividos ao lado daquele que se apresenta de modo tão diferente diante da igreja! É tempo de ser coerente, amigo pregador. O conselho de Cristo no sentido de acertarmos a vida com nosso irmão, antes de levarmos nossa oferta ao altar (Mt 5:23, 24), ainda é válido em relação a todos os nossos relacionamentos, incluindo o trato com nossa família.

### **Princípio e preferência**

No mundo relativista em que vivemos, precisamos estar atentos a

dois conceitos modeladores de vida: Princípio e preferência. Princípio é uma regra moral tirada da Palavra de Deus, na qual se baseiam nossos atos e atitudes. Preferências são atitudes praticadas tendo como base as circunstâncias, os gostos e desejos pessoais. Quando o pregador vive por princípios, tem a vida coerente com a mensagem que prega. Porém, quando vive tendo como base preferências pessoais, não pode ser coerente com a mensagem bíblica. Daniel é um exemplo digno de ser imitado por todo pregador. A Bíblia nos informa que ele agia por princípio, e não alicerçado em preferências. E-nos dito que ele propôs no coração “não se contaminar” (Dn 1:8). Essa foi uma decisão tomada longe dos pais, numa terra distante. Hoje, diante da maléfica ética situacional, decisões incoerentes com a fé são tomadas e atos incoerentes com a conduta cristã são praticados, a depender das circunstâncias.

Todo pregador deve ter a vida baseada em princípios; não em preferências nem circunstâncias. Assim, os ouvintes perceberão que existe coerência entre o que ele é e o que fala. A mensagem será poderosa e alcançará o objetivo de transformar vidas.

Em Jesus Cristo encontramos o modelo infalível de coerência. “Toda a vida do Salvador caracterizou-se pela desinteressada beneficência e a beleza da santidade. Ele é nosso modelo de bondade”, escreveu a Sra. White (*Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 262). E mais: “Cristo exemplificou na própria vida Seus ensinamentos. Seu zelo nunca O levou a ficar arrebatado. Manifestava coerência sem obstinação, benevolência sem fraqueza, ternura e simpatia sem sentimentalismo. Era altamente sociável; no entanto, possuía modesta dignidade que não animava indevida familiaridade” (*Evangelismo*, p. 636).

Que lindo modelo para nós pregadores! Vida e atos coerentes com a mensagem que pregamos – eis o que a igreja espera e precisa ver em nós. ▀





Professor de Homilética na  
Universidade Adventista del  
Plata, Argentina

# Ministros da Palavra

*“A pregação consiste em narrar novamente uma história, a da graça de Deus em nossa salvação, e esperar que, por essa história, Deus volte a falar e agir”*

Foto: Shutterstock

**E**scrivendo aos efésios, Paulo apresenta Cristo outorgando dons aos homens: “Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:11, 12). Desse modo, ele exhibe os ministérios da igreja nascente, sendo desempenhados por homens capacitados para atuar como profetas, evangelistas e pastores-mestres.

É importante destacar que, entre os dons expostos nessa lista, não são mencionados bispos nem diáconos. Aparentemente, o apóstolo menciona os que, na igreja, desempenhariam tarefa não administrativa, mas formativa. Se prestarmos atenção, observaremos um denominador comum que aglutina os dons referidos. As tarefas do profeta bem como as do mestre e pregador consistem, basicamente, em apresentar aos homens a vontade de Deus. Nesse sentido, pode-se observar afinidade entre o ministério de profeta, mestre e pregador.

Os ministros da Palavra são servos que exercem mediação entre Deus e Seu povo. Nos tempos do Antigo Testamento, os profetas cumpriram esse ministério. O Novo Testamento menciona Cristo como único mediador entre Deus e os homens, portador da revelação, sendo o Verbo de Deus feito carne. Porém, o Filho de Deus, investido de autoridade no Céu e na Terra, outorgou dons aos homens para o cumprimento do ministério da Palavra.<sup>1</sup> E o fez através do ministério profético, do ensino e da pregação.

### Ministério tríplice

Pelo ministério profético da Palavra, Deus revela antecipadamente Seus planos. “Os profetas expunham e explicavam a vontade de Deus que lhes havia sido dada a conhecer por meios sobrenaturais. A predição do futuro não é tarefa essencial do ‘profeta’ nem é parte de todas as mensagens compartilhadas por eles.”<sup>2</sup> “Mas o que profetiza fale aos homens, edificando, exortando e consolando. O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja” (1Co 14:3, 4).

No livro de Atos, o ministério da Palavra é identificado por dois verbos que conjugam as ações concretas de pregar e ensinar. No Novo Testamento, são abundantes as declarações que vinculam os ministérios do ensino e a pregação (At 5:42; 20:27, 20, 21; 28:31; Cl 1:25-28).

A tarefa de pregar é uma atividade básica no ministério dos evangelistas e pastores. Os primeiros a realizam externamente com o objetivo de evangelizar os descrentes. Os outros realizam a pregação interna, para confirmar na fé os crentes. A pregação do evangelho ocupou lugar fundamental no ministério de Jesus e dos apóstolos; não apenas para confirmar os crentes, mas para difundir a mensagem de salvação. Seus métodos devem ser aplicados hoje, no contexto das atividades internas e externas da igreja.

O Novo Testamento emprega várias expressões para se referir à pre-

gação. O verbo mais usado é *kerusso* (proclamar), e, com menor frequência, a forma substantivada *kerugma* (mensagem), termos derivados de *kerux* (arauto), que aparece três vezes no Novo Testamento (1Tm 2:7; 2Tm 1:11; 2Pe 2:5).

O vocábulo *kerugma* se refere “à proclamação oficial e autorizada do grande feito cristão: Cristo presente e ativo na história humana, para conduzi-la à sua salvação final”.<sup>3</sup> Outros conjuntos semânticos empregados são: *evangelizo* (anunciar boas-novas), *evangelion* (evangelho) e *katangelo* (anunciar), também da raiz *angelo* (levar uma notícia – Jo 20:18). “Em todos esses vocábulos, se destaca o sentido de proclamar uma notícia ou entregar uma mensagem. Em consequência, a pregação não consiste essencialmente em comunicar novas ideias, mas em narrar novamente uma história, a da graça de Deus em nossa salvação, e esperar que, por essa história, Deus volte a falar e agir.”<sup>4</sup>

Vivemos neste mundo complexo, em certo sentido semelhante aos primeiros anos do século 20, que constituíram o prelúdio da primeira guerra mundial. John Sttot refletiu sobre a situação daqueles quatro anos fatídicos e assinalou que “teólogos perceptivos como Karl Barth, cujo antigo otimismo liberal foi destruído pela guerra e substituído por um novo realismo com respeito à humanidade e uma nova fé em Deus, expressaram sua convicção de que a pregação havia conquistado importância ainda maior que a que havia tido”.<sup>5</sup>

Sttot utiliza as palavras de Barth, ao declarar que “é simplesmente uma verdade manifesta que não existe nada mais importante, urgente, de maior ajuda ou redenção, mais curativo; não existe nada mais relevante para a situação real, desde o ponto de vista dos Céus e a Terra, que o falar e ouvir a Palavra de Deus no poder regulador e produtor de sua verdade, em sua determinação que tudo erradica e tudo reconcilia, com a luz lançada por ela não apenas sobre o tempo e suas confusões, mas além,

até o brilho da eternidade, revelando o tempo e a eternidade mediante ambos e em ambos: a Palavra, o Logos do Deus vivo”.<sup>6</sup>

Essas reflexões pretendem estabelecer sugestões para relevância à proclamação da mensagem, ao ressaltar o papel que a pregação deve cumprir como metodologia para desenvolver a missão interna e externa, conferida por Cristo à Sua igreja.

### Ministério de Cristo

A pregação se tornou característica essencial e permanente do ministério de Cristo e de Seus seguidores.<sup>7</sup> Desde aqueles dias, ela tem sido elemento indispensável para o cristianismo. Sttot afirma que Deus falou a Seu povo, primeiro por meio dos profetas, “interpretando para eles o significado de Seus feitos na história de Israel, e instruindo-os ao mesmo tempo para transmitir essa mensagem a Seu povo, fosse por meio da fala, da escrita ou de ambas”.<sup>8</sup>

Mais tarde, falou por meio do Filho, “de forma direta ou por meio dos apóstolos. Em terceiro lugar, fala mediante Seu Espírito, que por Si mesmo dá testemunho de Cristo e das Escrituras, e faz que ambos estejam vivos para o atual povo de Deus... portanto, a afirmação de uma Palavra de Deus, bíblica, encarnada e contemporânea é fundamental na religião cristã. O que Deus fala é o que torna necessárias nossas palavras. Devemos falar o que Ele falou. Nisso reside a obrigação monumental de pregar”.<sup>9</sup>

Nesse sentido, cabe perguntar: Que papel ocupou a pregação no ministério de Cristo? Que relevância teve essa metodologia no desempenho de Sua missão?

A leitura dos evangelhos permite detectar que Jesus Cristo teve um claro objetivo ao desenvolver Seu ministério. Era Seu propósito estabelecer o reino de Deus. Marcos inicia o relato da missão de Cristo com as seguintes palavras: “Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus” (Mc 1:14). O tema do reino de

Deus ocupou lugar central no ensino e pregação de Jesus (Mt 4:17; 10:7; Mc 1:14, 15; Lc 4:43, 44).<sup>10</sup> No evangelho de Mateus, observa-se que várias parábolas começam com a frase: “O reino dos Céus é semelhante a...”

O capítulo 13, por exemplo, menciona sete das oito parábolas narradas por Mateus fazendo alusão ao reino dos Céus (Mt 13:24, 31, 33, 44, 45, 47, 52). Com respeito à parábola das dez minas, registrada em Lucas 19, o Comentário Bíblico Adventista informa que “cada uma das parábolas de Cristo foi pronunciada com o propósito de ilustrar alguma verdade específica a respeito de Seu reino, e mais frequentemente do reino da graça no coração dos homens, mas também, como o fez aqui, com referência ao estabelecimento do reino de glória”.<sup>11</sup> Consequentemente, os textos precedentes afirmam que Marcos e Lucas deixam claro que Jesus percorria a Galileia pregando o evangelho do reino de Deus, pois com esse objetivo tinha vindo ao mundo.

### **Cristo, a pregação e o ensino**

Os evangelhos sinóticos resumem com três verbos o ministério de Cristo. Ele percorria todos os povoados e aldeias, ensinando (*didáskon*) nas sinagogas, pregando (*kerysson*) o evangelho do reino e curando (*therapeuon*) toda enfermidade e toda doença das pessoas (Mt 4:23; 9:35; Mc 1:38, 39; Lc 4:18, 43).

Quando Marcos apresentou a missão de Cristo na Galileia, especificamente na cidade de Cafarnaum, narrou o incidente ocorrido perto da casa de Pedro. Muito cedo, ainda escuro, os discípulos preocupados buscaram a Jesus. Ao encontrá-Lo em um lugar afastado, dedicado a exercícios devocionais, aproximaram-se e disseram: “Todos Te buscam” (Mc 1:37). Em resposta à lacônica informação, o Senhor lhes disse: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que Eu pregue também ali, pois para isso é que Eu vim” (v. 38)

O evangelista Lucas se refere ao início do ministério de Cristo na Ga-

lileia com um incidente ocorrido em Nazaré. É significativo destacar que Jesus Cristo iniciou Seu ministério na Galileia, em um sábado, e o fez pregando a Palavra de Deus.

Ao ler sobre o episódio ocorrido na sinagoga, percebemos o caráter de pregador-evangelista que o profeta Isaías imprimiu ao Messias, ao des-

*“O que Deus fala é o que torna necessárias nossas palavras. Devemos falar o que Ele falou. Nisso reside a obrigação monumental de pregar”*

cobrir Seu ministério (Lc 4:16-21). Sobre isso comenta Friedrich: “Ele veio do Pai ao homem com a ordem de proclamar a mensagem. Essa é Sua missão (Lc 4:18, 19, 43, 44)... Porém, não fala como profeta do que há de vir, mas como profeta no qual se têm cumprido plenamente as expectativas e promessas.”<sup>12</sup>

O Novo Testamento se refere à leitura pública e particular das Escrituras. Com respeito à leitura pública declara: “Porque Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados” (At 15:21; ver 13:27; Cl 4:16; 1Ts 5:27). No que tange à leitura particular, era de se esperar que fosse pedido a Jesus que lesse as Escrituras e que pregasse um sermão ao voltar a Nazaré, pois isso se podia pedir a qualquer israelita maior de doze anos. Jesus o havia feito sendo menino<sup>13</sup>, e Sua fama como pregador na Judeia (Jo 3:26)<sup>14</sup> fez com que Seus conterrâneos de Nazaré sentissem desejo de ouvir o que Ele tinha a dizer. Era costume que o leitor da passagem escolhida dos profetas também apresentasse o sermão.<sup>15</sup>

A passagem escolhida por Jesus foi Isaías 61:1, 2, cujo texto focaliza a missão do Messias. Destaca pelo menos três aspectos básicos vinculados à proclamação: “o Senhor Me ungiu para pregar boas-novas”; literalmente, “Me ungiu para evangelizar”; “a proclamar (pregar) libertação aos cativos”; “a apregoar o ano aceitável

do Senhor”. Além de apresentar uma clara relação entre o ministério do Enviado e a proclamação das boas-novas, o texto de Lucas (4:16-21) permite extrair ensinamentos aplicáveis a metodologias para o ministério da Palavra em dois âmbitos claramente definidos como interno e externo da igreja.

Cristo extraiu Sua mensagem da Palavra de Deus. A liturgia judaica compreendia a leitura dos profetas ou da lei e a apresentação do sermão. Ao se expor um sermão, é vital que seja efetuada a leitura das Escrituras, analisado o texto bíblico, e sejam feitas aplicação e apelo.

Sermões sem leitura ou hermenêutica bíblica podem ser comparados a flores sem perfume, aves sem trinos, mariposas sem asas, mensageiros sem mensagem. Se Lutero pudesse ouvir hoje os sermões pregados em alguns púlpitos, indubitavelmente, clamaria para que fossem aplicados os princípios da Reforma: “*Soli Deo glória! Sola Scriptura! Sola fide! Sola gratia!*”

À semelhança do que Cristo fez, os pregadores devem utilizar a Palavra de Deus para exaltar a graça dEle e fortalecer a fé, para que os ouvintes O glorifiquem.

Jesus usou o tipo de sermão que melhor de adapta aos ouvintes. Ao pregar a judeus praticantes, Jesus usou sermões textuais-expositivos; pois quem já conhece os ensinamentos básicos das Escrituras deve receber mensagens mais substanciais por meio de sermões expositivos.

Se analisarmos cuidadosamente esse aspecto metodológico da retórica de Cristo, observaremos que, ao Se dirigir a um público heterogêneo, Ele usou sermões temáticos ou narrativos como, por exemplo, o Sermão da Montanha (Mt 5-7).

Nesse tipo de sermão, é característico o uso de parábolas. Elas favorecem melhor a assimilação por parte de um público pouco instruído nas verdades da Palavra de Deus, pois tratam sobre aspectos gerais de determinado tema. Então, aqui é importante realçar que, quando o Mestre pregava em uma sinagoga formada por crentes versados nas Escrituras, Ele usava sermões expositivos ou textuais, como é o caso da mensagem na sinagoga de Nazaré (Lc 4:16-21).

### Ministério dos apóstolos

Quando Jesus chamou Seus discípulos, os convocou a pregar. Marcos comenta a circunstância: “Depois, subiu ao monte e chamou os que Ele mesmo quis, e vieram para junto dEle. Então, designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:13, 14). Consequentemente, os apóstolos priorizaram a proclamação da Palavra como metodologia para cumprir a missão evangélica. No fim de Seu ministério terrestre, pouco antes da ascensão, Jesus partilhou as últimas instruções àqueles que haviam sido Seus colaboradores. Naquele mandato, registrado por Marcos, Ele instou: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15).

A cidade de Jerusalém foi o centro evangelizador de onde os discípulos estenderam o evangelho por meio da pregação à província da Galileia, depois, às províncias vizinhas e finalmente às nações “até aos confins da Terra” (At 1:8). Assim, cumpriram o desafio do Mestre: “que em Seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém” (Lc 24:47).

Com esse sentido, Pedro deu início ao trabalho da igreja em Jerusalém, assim como Cristo fez na cidade de Nazaré. Pedro o fez pregando um sermão assim como Jesus pregou um sermão expositivo num sábado. Naquela ocasião, o apóstolo utilizou a mensagem de Deus registrada pe-

lo profeta Joel no capítulo 2:28-32. Os resultados foram comovedores, como fruto direto da proclamação da Palavra de Deus. Posteriormente, enquanto a incipiente igreja crescia, surgiram divergências. “Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas” (At 6:2). Diante da situação, designaram os primeiros sete diáconos, os quais assumiram as tarefas filantrópicas. Por sua vez, os apóstolos expressaram com toda clareza a tarefa que deviam realizar: “Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra” (At 6:4).

Desempenhando papel docente, Paulo exortou enfaticamente a Timóteo: “Prega a Palavra”. Assim, o animou a pregar a pura Palavra de Deus, ensinando-a fielmente, livre de erros filosóficos, doutrinas estranhas ou contos agradáveis que separam os crentes da verdade (2Tm 4:1-5). Semelhantemente, apelou aos cristãos romanos a proclamar a Palavra de Deus: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão Aquele em quem não creram? E como crerão nAquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados?” (Rm 10:13-15). O texto denota uma estreita relação entre salvação e proclamação das boas-novas.

Com o relato da ascensão de Cristo, Marcos conclui seu evangelho destacando que os apóstolos, “tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a Palavra por meios de sinais, que se seguiam” (Mc 16:20).

Assim, Jesus iniciou e concluiu Sua missão pregando. A coerência e consistência de Seu ministério foram marcos característicos de Sua trajetória. As palavras categóricas do início: “Vamos a outros lugares... a fim de que Eu pregue... porque para isso é que Eu vim” foram confirmadas no fim de Seu ministério, quando respondeu a Pilatos: “Eu

para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18:37).

Cristo fez a mesma coisa com Seus discípulos. Chamou-os e os enviou a pregar. Mais tarde, pouco antes de ascender, lembrou-lhes o chamado original: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15)

Os apóstolos compreenderam muito bem a mensagem de Mateus 24:14: “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim”. Também aceitaram o desafio de pregar o evangelho eterno a toda nação, tribo língua e povo (Ap 14:6).

Eles internalizaram e aplicaram a mensagem de 1Pedro 4:11, a qual diz: “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”

#### Referências:

- <sup>1</sup> Xavier Leon Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica* (Barcelona: Editorial Herder), 1985.
- <sup>2</sup> *Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 6, p. 1022.
- <sup>3</sup> José María González, *Enciclopédia de la Biblia*, col. 838.
- <sup>4</sup> Juan Stam, *Fundamentos Teológicos de la Predicación*, HYPERLINK “<http://juanstam.com./dnn/Blogs/tabid/110/EntryID/154/Default.aspx> 10/10/09.5” <http://juanstam.com./dnn/Blogs/tabid/110/EntryID/154/Default.aspx> 10/10/09.
- <sup>5</sup> John Sttot, *A Pregação, Ponte Entre Dois Mundos* (Grand Rapids: Libros Desafio, 2000), p. 37.
- <sup>6</sup> Karl Barth, *The Word of God and the Word of Man* (Hodder & Stoughton, 1935; Peter Smith, 1958), p. 123, 124.
- <sup>7</sup> John Sttot, Op. Cit., p. 14.
- <sup>8</sup> *Ibid.*, p. 13.
- <sup>9</sup> *Ibid.*, p. 14.
- <sup>10</sup> Joachim Jeremias, *Teologia del Nuevo Testamento* (Salamanca: Ediciones Sigueme), v. 1, p. 119, 120.
- <sup>11</sup> *Comentario Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 5, p. 832.
- <sup>12</sup> Gerhard Friedrich, *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1965), v. 3, p. 706.
- <sup>13</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 68-74.
- <sup>14</sup> *Ibid.*, p. 181.
- <sup>15</sup> *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Día*, v. 5, p. 710.



Professor de Teologia,  
jubilado, reside em  
Engenheiro Coelho, SP

# Mensagem completa

*O pregador deve evitar os extremos do sermão sem doutrinação e estudo profético e do sermão doutrinário e profético sem o apelo do evangelho*

**A**lguém disse que “o púlpito não é um trono – não ‘domina’ o povo. Não é tribunal – não condena. Não é tenda de leilão – não compra nem vende. Não é palco de teatro – não se exhibe. Mas é a mesa de Deus para pessoas famintas, bálsamo para corações feridos, apoio para quem carrega fardos e aflições. O mais elevado serviço do ministério requerido pelo grande Pastor é: ‘Apascenta as Minhas ovelhas!’”

Apascentar ovelhas é cuidar delas, protegê-las, conduzi-las, encorajá-las, alimentá-las, tendo em vista o crescimento espiritual dos crentes e o desempenho deles no cumprimento da missão evangelizadora. Nutrir o rebanho é um dos propósitos da pregação. É triste quando ouvintes voltam para casa tão famintos como quando de lá saíram para ir à igreja.

Para que a pregação cumpra seus propósitos, o equilíbrio é fundamental. John Duncan afirmou que

“uns pastores pregam pura doutrina; isso faz da congregação apenas cabeças, semelhantes a monstros. Outros pregam somente experiências, o que torna as ovelhas puro coração – outro fenômeno. Ainda outros pregam pura prática, e os membros se tornam apenas mãos e pés, resultando noutra classe de monstros. Esforcem-se, pois em pregar a doutrina, a experiência e a prática, de maneira que, pela graça de Deus, os cristãos tenham cabeça, coração, mãos e pés, e sejam perfeitos em Cristo”.<sup>1</sup>

A graça em Jesus e por meio dele é o critério final da pregação apropriada e oportuna. O referido pensamento toca essa realidade, ao qualificar o púlpito de “cristão”, ou seja, o que nele é exposto corresponde à mensagem cristã. Essa envolve o apelo evangélico do Novo Testamento, doutrinas e material profético declarados em toda a Bíblia.

## **Cristianismo e pregação**

Esse tríplice envolvimento é conizente com o próprio significado de cristianismo. Portanto, para consolidar o púlpito como foro de onde a mensagem bíblica é proclamada, é crucial determinar o que é cristianismo. Essa conceituação é própria quando se considera os dois sentidos do cristianismo: essencial e decorrente. O segundo sugere diferentes conceitos que dão forma e conteúdo à sua essencialidade, a qual é primeiramente cristológica, e então, soteriológica. A essencialidade do cristianismo se resume na fórmula: cristianismo é Cristo, como a análise de conceitos decorrentes o comprovam.

Quando definido filosoficamente, cristianismo é tomado como a religião dos cristãos, sendo comparável a qualquer outra grande religião no mundo: budismo, islamismo e outras. Porém, não se faz justiça a ele

se o conceituamos apenas em termos filosóficos, posto que a fé avança para além da razão, ainda que não seja contrário a ela. Por natureza, cristianismo é mais que uma religião.

Cristianismo é revelação e religião. A primeira, porque se origina no que Deus faz pelo homem; portanto, ressalta as profecias e seu cumprimento. A segunda, porque indica como o homem deve reagir à ação de Deus, o que ressalta as doutrinas bíblicas. Tal ação é observada na pessoa de Jesus, e é considerada em Seu propósito de restaurar a humanidade à comunhão com Deus. Assim definido, o cristianismo tem a solução para o maior problema do mundo: o pecado.

A igreja integra o conceito institucional do cristianismo. Ela efetiva o ideal cristão que deve permear a sociedade. Mas não é próprio confundir cristianismo com cristandade, já que, no sentido bíblico, a igreja é mais que a sociedade cristã. Igreja e cristianismo não se equivalem plenamente. A primeira é um elemento essencial do segundo, mais restrito em seu escopo e atribuição. Ela incorpora o cristianismo, mas não é tudo o que ele representa.

Cristianismo pode também ser definido doutrinariamente, em termos das confissões de fé formuladas no transcurso da era cristã, comuns na pretensão de se fundamentarem na verdade, mas distintas em particularidades oriundas de diferentes interpretações dela. Precisamos reconhecer que uma doutrina só é válida se estiver fundamentada nas Escrituras, única regra de fé e prática do cristianismo. Não podemos igualmente restringir cristianismo a um corpo doutrinário, ainda que bíblico. Implica realidade maior, embora o inclua.

O conceito ético toma o estilo de vida ensinado e exemplificado por Jesus como expressão do cristianismo. Vive o cristianismo quem copia o modelo de vida legado por seu Fundador. Ser cristão é ser e fazer o que Ele foi e fez. Daí o valor da prega-

ção doutrinária e profética, o qual se destaca ao se admitir que doutrina, ética e profecia inferem mais naturalmente o sentido primordial de cristianismo, embora também não expressem tudo o que ele é. Por esse ângulo, cristianismo é uma religião que envolve doutrinas e cumprimento profético; mas vai além, salientando a atuação do Espírito Santo que gera fé e propicia ao pecador viver a vida de Cristo (Gl 2:20).

*“Quando a pessoa abre o coração para receber o Salvador, o assentimento às doutrinas e a compreensão das profecias são facilitados”*

Somente viveremos a vida de Jesus, normatizada por Seu ensino, se Ele viver em nós. Cristianismo aqui é salvífico, para então se revelar ético, num estilo de vida em harmonia com a Bíblia. Antes de ser exemplo, Cristo tem que ser Salvador pessoal, como estabelece o conceito experiencial de cristianismo.

Vida cristã autêntica começa e prossegue com a aceitação de Jesus como Salvador e Senhor. Pela fé, os recursos divinos são alcançados pelo crente; arrependido, ele recebe perdão dos pecados; justificado, tem paz com Deus; pelo Espírito Santo, é gerado para uma vida nova de justiça e santidade. Membro da igreja, ele desfruta companheirismo sadio com os irmãos; com novo senso de valor e missão, se torna uma bênção para todos. A vida do reino divino se torna sua vida sob o domínio do amor.

Portanto, cristianismo é matéria de cristologia e soteriologia. É cristológico por ter em Cristo seu fundamento e conteúdo. Não havendo Cristo, não há cristianismo. Igualmente soteriológico, o cristianismo envolve um processo completo de revelação, reconciliação e restauração da comunhão entre Deus e o homem. Aqui entram as profecias

e doutrinas. As primeiras porque descortinam o plano da redenção e convidam pecadores a se valer dele. E as segundas porque normatizam a vida cristã. Ao contrário de excluir doutrinas e profecias, o púlpito adventista as inclui, pois ambas são componentes do cristianismo.

### **Doutrina, profecia e pregação**

Naturalmente, há um conjunto de ensinamentos bíblicos que a igreja tem de incorporar e comunicar. A grande comissão estabelece que a multiplicação de discípulos é fruto do ensino (Mt 28:20). Portanto, doutrinação é fundamental.

Doutrinas e profecias relacionam-se entre si. Várias doutrinas são confirmadas em nossa maneira de interpretar determinadas profecias. Tome-se a guarda do sábado como exemplo. Não é verdade que, quando a contrastamos com a guarda do primeiro dia da semana, valemo-nos das profecias de Daniel 7 e Apocalipse 13? E quando anunciamos a doutrina do santuário, recorremos a Daniel 8? Como pregar escatologia, a doutrina dos últimos acontecimentos, sem profecias?

A importância da pregação doutrinária e profética se deve ao fato de que o pecador convertido deve crescer no conhecimento e prática da vontade de Deus. Caso contrário, a vida dele não corresponderá à experiência da salvação, o que será uma incoerência. Pecado é desarmonia com a vontade de Deus (1Jo 3:4).

As profecias incluem o benefício adicional de confirmar a fé, fortalecer o ânimo e assegurar que Deus conduz a história e a igreja, e o fará até o triunfo final. Não é por acaso que, “quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, os crentes terão uma experiência religiosa inteiramente diferente”<sup>2</sup>, ocorrendo “entre nós grande reavivamento”.<sup>3</sup>

Portanto, é impróprio pregar sobre Cristo como Salvador sem referência às doutrinas e profecias bíblicas. Isso seria o mesmo que

apresentá-Lo como Salvador sem exaltá-Lo como Senhor. As profecias sustentam essas duas qualidades de Cristo, enquanto a igreja, ao viver as doutrinas, confessa tê-Lo recebido e ser a Ele submissa.

### Doutrinação deficiente

O sentido essencial do cristianismo permeia os conceitos derivados de seus elementos. Em todo aspecto, dentro do que é bíblico, cristianismo é Cristo. Então, ao ocupar o púlpito, o pastor se empenhará em aplicar tais princípios, evitando os extremos da pregação sem doutrinação e estudo profético, bem como da pregação doutrinária e profética sem o apelo do evangelho.

O primeiro caso, por se tratar de algo mais subjetivo, será um risco para o autêntico viver cristão. O crente não doutrinado e alheio ao conhecimento profético será mais vulnerável às pressões do mundo. Ele estará propenso a abdicar de determinados aspectos da vida cristã, se não de todos, tão logo surgirem a dúvida e o desinteresse. E o resultado será desastroso, ocorrendo na melhor das hipóteses a mornidão laodiceana, que talvez seja pior que a apostasia total.

Além disso, multiplicam-se hoje os falsos profetas, pregadores oportunistas, dissidentes, que encontram nos crentes despreparados terreno fértil para alastrar seus erros.

Como alguém viverá de acordo com a vontade de Deus, se desconhecer a Bíblia, o manual dessa vontade? Como será testemunha da verdade, se pouco souber sobre ela? Como amadurecerá a fé, visando alcançar a semelhança com Cristo, se não desenvolver a salvação “com temor e tremor” (Fp 2:12)? Como avançará “para o alvo” (Fp 3:14), sem estudar e conhecer profecias? Até quando continuará sendo bebê espiritual (Hb 5:12-14)? “Os ministros devem apresentar a firme palavra da profecia como o fundamento da fé dos adventistas do sétimo dia.”<sup>4</sup>

Pode ser alegado que, na classe batismal, já se estudam doutrinas

e temas proféticos. Mas, é inegável que precisam de contínuo repasse; doutrinas e profecias aguardam novas “descobertas”.

A vida cristã é marcha para a frente e para o alto; é batalha que exige adestramento e amadurecimento. Artur H. Stainback, líder batista, escreveu em favor da pregação doutrinária (e eu incluíria a profética), dizendo o seguinte: “É triste ter de afirmar que muitos dos membros de nossa igreja são infantis em questão de doutrina. Jamais teremos uma igreja adulta, amadurecida, ou um cristianismo forte, enquanto não tivermos cristãos amadurecidos. Para ser amadurecidos, precisamos conhecer doutrina... puguem doutrina e estarão limpando o pó dos assentos.

“Acomodem-se em seus sermões para agradar homens, e estarão lendo sua eficácia para Cristo. Adoquem seus sermões ao mundo que os homens gostam, e estarão levando a congregação ao diabetes espiritual. Puguem ideias populares e o rebanho procurará o caminho do mundo e trará seus entulhos para suas portas. Puguem as grandes doutrinas e deixem que veja como Deus é rico em Sua Palavra, e conhecerá Deus e Suas riquezas.”<sup>5</sup>

### Doutrinação excessiva

Pregação doutrinária e profética sem o apelo salvífico do evangelho resultará em mero proselitismo, alargando o espaço para membros convencidos da verdade, mas não convertidos a ela. O resultado será presunção dosada com exclusivismo, radicalismo, triunfalismo, criticismo, farisaísmo, mundanismo e outros “ismos” deploráveis.

Jamais podemos esquecer que somos uma igreja cristã, evangélica, comissionada a cumprir uma missão profética, a proclamação da derradeira mensagem de misericórdia ao mundo: “o evangelho eterno” (Ap 14:6-12). Ellen G. White lembra que “às vezes homens e mulheres sem estarem convertidos, se decidem em

favor da verdade devido ao peso das provas apresentadas”.<sup>6</sup> Convencer sem converter não é a função do Espírito Santo. “Deus quer desviar a mente da convicção da lógica para uma convicção mais profunda, elevada, pura e gloriosa... Alguns ministros erram em tornar seus sermões inteiramente argumentativos.”<sup>7</sup>

É claro que o povo de Deus possui temas doutrinários e interpretação profética, incomuns, sobre os quais devem pregar. Crentes e interessados devem assimilá-los e vivê-los. Mas precisam ser ensinados corretamente, como Cristo fazia. Ele não procurava mero assentimento, mas visava ao coração. Quando a pessoa abre o coração para receber o Salvador, o assentimento às doutrinas e a compreensão das profecias são facilitados. Por isso, nos é dito que “a obra do ministro não está completa enquanto ele não fizer sentir a seus ouvintes a necessidade de uma transformação de coração”.<sup>8</sup>

O processo correto de doutrinação e estudo profético exige que doutrinas e profecias sejam apresentadas cristocentricamente, razão por que somos instados a apresentar “a verdade tal como é em Jesus”.<sup>9</sup> Shuler afirma que “quando colocamos a cruz no centro, representando a justificação e a salvação, cada setor do ensino cristão da Bíblia se ajusta devidamente como raios de uma roda... Cristo é o centro da roda da verdade. Convém que toda doutrina e prática da igreja remanescente seja exposta como uma série de passos sucessivos para andar ao lado do Senhor. Semelhante método conduzirá muito mais pessoas à verdade.”<sup>10</sup> ■

#### Referências:

<sup>1</sup> O Ministério Adventista, maio-junho de 1963, p. 23.

<sup>2</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos*, p. 114.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 148.

<sup>5</sup> Artur H. Stainback, *Ministério*, novembro-dezembro de 1974, p. 7.

<sup>6</sup> *Obreiros Evangélicos*, p. 159.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 157, 158.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 159.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 189.

<sup>10</sup> J. L. Shuler, *Revista Adventista*, maio de 1968, p. 5, 6.



# Pregando com propósito

*Como pregar de tal maneira que os ouvintes sejam atraídos a Cristo e O aceitem como Salvador*

**A**lguém perguntou: “O que é um sermão?” E a resposta de Ruskin foi: “São trinta minutos capazes de ressuscitar mortos”.<sup>1</sup> Gostaríamos que fosse assim; porém, muito frequentemente não há despertamento algum. Agostinho, grande teólogo do século 5, foi renomado professor de retórica, antes de sua conversão. Ele definiu a tarefa do orador como *docere, deletare, flectere*, ou seja, ensinar, deleitar e influenciar. Acredito no valor de cada um desses elementos, porém, no campo espiritual, o mais importante é ter a mensagem.

A tarefa do pregador não é divertir o povo nem apenas educá-lo, mas levá-lo a Cristo. Cada sermão pregado deve ter esse propósito. Por isso, necessitamos atentar para três qualidades essenciais da pregação evangelística eficaz.

### Conteúdo bíblico

Em primeiro lugar, a mensagem precisa ser bíblica. As pessoas não esperam ouvir nossas opiniões pessoais. Mesmo as pessoas mais se-



cularizadas estão interessadas em conhecer o que Jesus proclamou e ensinou. O pregador não pode preparar qualquer sermão, apresentá-lo a uma multidão de descrentes e chamar isso de evangelismo. Ellen G. White exortou os pregadores a expor o conteúdo de Palavra de Deus, de maneira cristocêntrica, com convicção:

“Existe um poder vivo na verdade, e o Espírito Santo é o instrumento que abre o entendimento humano para a verdade. Os pastores e obreiros que a proclamam devem, porém, manifestar

certeza e determinação. Devem avançar pela fé, e apresentar a Palavra como nela crendo de fato. Façam com que as pessoas por quem vocês trabalham entendam que se trata da verdade divina. Preguem a Jesus Cristo e Ele crucificado. Isso fará frente às mentiras de Satanás... Preguem de tal maneira que as pessoas possam apreender as grandes ideias e extraiam o minério precioso contido nas Escrituras.”<sup>2</sup>

Ao prepararmos o sermão evangelístico, precisamos ter em mente os seguintes pontos:



♦ A necessidade do pecador: o natural anseio por algo melhor neste mundo.

♦ A expiação do Salvador: como Cristo providenciou uma saída para cada ser humano.

♦ Passos para Cristo: ponto a ponto, leve o pecador a responder à sua necessidade.

♦ Apelo: muitas pessoas não atendem, sem um apelo específico e urgente.

Há cinco pilares da verdade ao redor dos quais a pessoa convertida a Cristo deve construir o edifício da fé. Estes são os principais pontos a ser cobertos pelo pregador adventista: Segunda vinda de Jesus; reivindicações do sábado; mensagem dos três anjos (justificação pela fé e não pelas obras); ministério de Cristo no santuário celestial; mortalidade da alma. Outra característica distintiva dos adventistas é o fato de sermos um povo profético. Por isso, somos advertidos a chamar a atenção do povo para as profecias da Palavra de Deus.<sup>3</sup>

Evangelistas bem-sucedidos têm aprendido que a abordagem mais eficaz da pregação evangelística não é a exposição verso por verso, mas o sermão tópico, em que são apresentados os grandes temas das necessidades humanas e o correspondente remédio na Palavra de Deus. Usando títulos interessantes, cada sermão pode ter algo semelhante ao seguinte esboço: (1) Formule a condição. Se estiver falando sobre saúde, mostre a condição de um mundo cheio de crime, pobreza e sofrimento; (2) exponha a causa. No item anterior, as causas são o pecado e a desobediência às leis de saúde; finalmente, (3) mostre a cura.

No tema sobre saúde, a solução está em observar as leis bíblicas de saúde. Quanto à desobediência, a solução é aceitar Cristo e guardar Seus mandamentos. O discurso deve terminar com o apelo para que os ouvintes aceitem a solução apresentada.

Acrescente o elemento emoção. As pessoas podem conhecer o dever; mas necessitam de estímulo para decidir. O evangelismo bíblico

equilibrado requer cuidadoso relacionamento entre instrução e persuasão. Problemas espirituais surgem quando uma instrução inadequada é oferecida apressadamente em meio à impaciente persuasão. Uma resposta emotiva pode causar o mesmo problema. A parábola do semeador (Mt 13:20, 21) indica que as sementes caídas sobre o solo rochoso representam as pessoas que recebem o evangelho com alegria, mas logo se escandalizam. Qual é a fonte dessa alegria? Seria o conteúdo do evangelho ou a atmosfera da ocasião em que ele foi apresentado? Se o evangelho for apresentado num contexto de entretenimento, em que a arte supera a apresentação da verdade, não será surpresa se o resultado for um número de crentes temporários.<sup>4</sup>

### Mensagem contextualizada

Em segundo lugar, a pregação evangelística precisa ser relevante. Ela deve começar com a agenda das pessoas, seus problemas sociais e crises. Uma simples mudança na maneira de apresentar a verdade, sem afetar o conteúdo dela, tem o poder de atrair 45% mais pessoas para igreja.

Ellen White destaca o valor da contextualização: “Alguns dos que se empenham na obra de salvar pessoas deixam de obter os melhores resultados, porque não executam cabalmente a obra que iniciaram com muito entusiasmo. Outros se apegam tenazmente a ideias preconcebidas, dando-lhes preeminência, deixando por isso de conformar seus ensinamentos com as necessidades reais do povo. Muitos não compreendem a necessidade de se adaptarem às circunstâncias, e ir ao encontro do povo. Não se identificam com aqueles a quem desejam auxiliar em atingir a norma bíblica do cristianismo.”

Ron Gladen<sup>5</sup> menciona o fato de que, há alguns anos, a *Coca-Cola Company* experimentou uma nova garrafa com forma diferente. Quase que da noite para o dia as vendas em todo o mundo pularam de 5% para 50%, mesmo em mercados onde os

consumidores nunca tinham visto a garrafa original e, especialmente, entre o público mais jovem, acostumado com a garrafa sem contornos.

Mas, aprendemos também o que a *Coca-Cola* fez de errado. Gladen afirma que, em 1985, quando eles mudaram o sabor da fórmula de 90 anos para outro sabor, a companhia amargou um prejuízo de 35 milhões de dólares. Qual é a lição para a igreja? Não mude o produto. Jamais comprometa a verdade, ainda que supostamente isso atraia mais pessoas. Jesus descreveu as boas-novas como “água viva” por uma razão: a água pode tomar qualquer forma. Não é rígida nem há um modelo único de copo. Se não comprometermos a pureza da água, qualquer recipiente será apropriado.

*“Preguem de tal maneira que as pessoas possam apreender as grandes ideias e extraiam o minério precioso contido nas Escrituras”*

A mensagem permanece a mesma, porém precisa ser apresentada de modo atual e relevante. Adapte-a aos valores do tempo, localidade e nacionalidade, mostrando como o evangelho de Cristo pode atender a essas necessidades. A mensagem de Pedro, em Atos 2:16-36, é significativa para ilustrar esse ponto. Pedro fez quatro coisas em seu sermão: (1) Elaborou o discurso para responder a uma questão imediata da multidão: explicar o estranho comportamento daqueles oradores que falavam a língua nativa da própria multidão. (2) Extraí argumentos de uma fonte que os ouvintes consideravam autorizada: o Antigo Testamento. (3) Usou sua experiência e testemunho pessoal para reforçar os argumentos. (4) Declarou a mensagem básica do evangelho: Jesus é o Cristo.<sup>6</sup>

O evangelista necessita contextualizar a mensagem para diferentes audiências. Quando encontrou a

mulher junto à fonte, Jesus iniciou o diálogo falando da água. Na casa do coletor de impostos, o tema inicial foi o dinheiro. Uma comparação entre o sermão de Paulo aos judeus e interessados, que se reuniam nas sinagogas em Antioquia (At 13:13-47), e os dois sermões que ele pregou a gentios da classe média intelectual em Atenas e da classe agropastoril em Listra (At 18:8-20; 17:16-34) ilustra esse ponto. Em Antioquia, o conteúdo é um sumário da história israelita contida no Antigo Testamento, com aplicação profética. As mensagens aos gentios têm diferentes abordagens. Em Listra e Atenas, Paulo não usou citações da Bíblia, embora o conteúdo fosse bíblico. Em Listra, ele usou ilustrações tiradas do campo (chuvas, estações frutíferas) e, em Atenas, Ele citou um poeta grego.<sup>7</sup>

### Apresentação da mensagem

Em terceiro lugar, a mensagem precisa ser apresentada com eficiência. Mark Galli<sup>8</sup> relatou uma conversa que teve com um marxista que nunca tinha ouvido explicação sobre os princípios básicos do evangelho. O homem ouviu maravilhado e surpreso. Então, num impulso, afirmou: “Vocês possuem a verdade; o que falta é saber como apresentá-la”. Ellen White se preocupou tanto com nossa maneira de pregar quanto pelo que pregamos. Para ela, são preferíveis lições breves e repetidas a usar excesso de material. O evangelista deve pregar de forma clara, entusiástica e afirmativa, não na forma de controvérsia.<sup>9</sup> Construa as sentenças de modo a causar impacto. Spurgeon assim ensinou: “O homem que não pode enunciar sentenças tão fortes e tão diretas como as varetas de aço da espingarda, melhor seria que se tornasse chapeleiro de senhoras, lidando com penas e enfeites, em vez de tentar falar em público aos seus semelhantes, sobre palavras que são espírito e vida”.<sup>10</sup>

Um elemento importante relacionado com a clareza é falar pouco e usar estilo que se assemelhe mais

com ensino do que com pregação. Ellen White afirmou: “Preguem sermões curtos”.<sup>11</sup> As pessoas têm capacidade limitada de absorção. Tentar comunicar muito conteúdo em um sermão pode resultar em sobrecarga de informações. Vale a pena narrar aqui a história do evangelista que se sentou à mesa para o desjejum. Havia um corte sangrando no rosto dele. À pergunta da esposa sobre o que havia ocorrido ele respondeu que estava concentrado no sermão enquanto se barbeava e, distraidamente, se cortou. Em tom jocoso, a esposa disse: “Da próxima vez, se concentre na barba e corte seu sermão?”<sup>12</sup> Spurgeon aconselhou aos jovens pregadores: “Quando um homem tem bom material preparado não excederá 30 minutos; quando tem menos a dizer, irá aos 45 minutos; e quando não tem absolutamente nada, precisará de uma hora para dizê-lo”.<sup>13</sup>

Outro aspecto da pregação evangelística é o emprego da técnica usada por Jesus, na arte de fazer perguntas, permitindo que as respostas brotassem da mente dos discípulos (Mt 21:23-46). O uso do diálogo não é novo. Sócrates usava esse método com efeitos devastadores. Para isso, faça aos ouvintes perguntas que os levem de um ponto a outro na Bíblia. Isso fará com que eles pensem que por si mesmos estão descobrindo a verdade, na medida em que o tema se desdobra em sequência lógica. Num tempo de dúvida, os métodos de pergunta e resposta e do diálogo são as melhores estratégias para ensinar pessoas secularizadas.<sup>14</sup> Extraia da audiência uma manifestação de opinião: “Os que reconhecem ser verdade o que estou dizendo levantem a mão”.<sup>15</sup>

Olhe nos olhos da audiência. Não fixe o olhar no teto, no assoalho, janela ou algo fora do auditório. Olhe para o povo com quem você fala. Estude a expressão dos rostos, como reagem ao que você fala. Se você estiver perdendo a atenção, não aumente o tom de voz, mas diga algo interessante. Dê-lhes uma ilustração.

Faça pausa; mude a velocidade e a entonação da voz. Fale devagar, mas não muito lentamente. Uma palavra hoje e outra amanhã é uma espécie de fogo lento que só os mártires podem suportar.

Preocupar-se em ter uma mensagem bíblica, relevante e clara é importante para a pregação evangelística. Porém, não se esqueça de que há vários tipos de pessoa em cada auditório. Algumas não são convertidas nem sabem como viver. Outras são convertidas, mas precisam de luz sobre a maneira de viver. E ainda outras conhecem as normas do cristianismo, mas não tiveram uma experiência transformadora. Todos esses casos precisam ser levados em consideração no momento do preparo e apresentação da mensagem. Creio que é muito proveitoso ler sermões de evangelistas de sucesso como base para os nossos. Não se sinta constrangido em usar argumentos e material de outro evangelista mais experiente. Porém, em vez de refletir o pensamento de outro, adapte e estude o sermão até que ele passe ao seu próprio estilo e personalidade. ■

### Referências:

- <sup>1</sup> Lewis H. Christian, *Report of evangelistic council and ministerial association meetings*, São Francisco, 22/05/1941.
- <sup>2</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 169.
- <sup>3</sup> Roy Joslin, *Urban Harvest* (Inglaterra: Evangelical Press, 1982), p. 112.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 381.
- <sup>5</sup> Ron Gladden, *Plant the Future* (Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2000), p. 17.
- <sup>6</sup> Charles Van Engen, *You Are My Witnesses* (Nova York: Reformed Church Press, 1992), p. 46.
- <sup>7</sup> Roy Joslin, Op. Cit., p. 165-169.
- <sup>8</sup> Mark Galli e Craig Brian Larson, *Preaching That Connects* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), p. 9.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 152, 177, 187.
- <sup>10</sup> Roy Allan Anderson, *O Pastor Evangelista* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 218.
- <sup>11</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 183.
- <sup>12</sup> Michael Hodgkin, *1001 Humorous Illustrations for Public Speaking*, (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), p. 321.
- <sup>13</sup> Charles H. Spurgeon, *Lições Aos Meus Alunos*, (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1983), p. 83.
- <sup>14</sup> George Hunter III, *How to Reach Secular People* (Nashville: Abingdon Press, 1992), p. 98.
- <sup>15</sup> Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 197.



Diretor do Seminário Adventista de Teologia do Equador

# Sermões para todos os gostos



*Familiarize-se com as várias formas de expor a Palavra de Deus a fim de que a mensagem chegue clara aos corações e mentes*

Certa ocasião, li a história de um pastor inteligente e hábil para falar. Mas, pastoreando uma igreja composta de pessoas simples, achava que não era necessário preparar sermões. Em busca de permissão divina para acalmar a consciência, prometeu a Deus que pregaria de improviso a fim de que o Espírito Santo o guiasse. Tudo ia bem até que, certo dia, minutos antes de começar a pregar, foi surpreendido pela chegada de um dos seus líderes denominacionais. Envergonhado, compreendeu que, mesmo tendo conseguido iludir a igreja com os sermões que pregava, não conseguiria fazer o mesmo com o chefe. Cumprimentando-o, tratou de explicar o voto que tinha feito a Deus. Aparentemente, o líder entendeu, mas, na metade do sermão, se retirou. Ao terminar o culto, o pastor encontrou um bilhete na sala pastoral, com os seguintes dizeres: “Eu o absolvo de seu voto.”<sup>1</sup>

Essa história mostra que aquele pregador não tinha compreendido o privilégio e a responsabilidade implícitos na tarefa de pregar a Palavra. É extraordinário o fato de que Deus decidiu usar homens falhos como Seus porta-vozes, para salvar o mundo “pela loucura da pregação” (1Co 1:21). Isso indica que, na dinâmica da pregação, estão conjugados dois aspectos: o divino e o humano. No aspecto divino, Deus age com Sua Palavra, tocando

corações e transformando vidas, pelo poder do Espírito Santo. Porém, Ele também considera importante o aspecto humano, a julgar pelo que Paulo escreveu a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro... que maneja bem a Palavra da verdade” (2Tm 2:15).

Nesse texto, o termo “procura” é derivado do imperativo grego *spoudason*, cujo significado é “fazer o melhor possível, não economizar esforços, trabalhar arduamente”.<sup>2</sup> O referido termo está acompanhado do reflexivo *seauton* (tu mesmo), com o propósito de enfatizar o agente da ação. Assim, podemos parafrasear a declaração paulina nos seguintes termos: “Faça tudo o que depender de você para se apresentar como obreiro aprovado... que maneja bem a Palavra da verdade.” Em outras palavras, Deus espera que a pessoa que maneja Sua Palavra assuma com responsabilidade essa função, fazendo sua parte da melhor forma possível e deixando com Ele os resultados.

Considerando que estamos falando sobre a importância do aspecto humano, compartilharemos aqui algumas ideias sobre os tipos de sermão, a fim de organizar melhor os temas que expomos a partir da Palavra de Deus.

### Dedutivos e indutivos

Os sermões podem ser classificados em diversos tipos. E Deus tem usado esses diferentes tipos de sermões para alcançar classes distintas de pessoas em diversas circunstâncias. John Stott tinha razão quando afirmou que “diferentes textos e temas exigem tratamento diferente. Devemos cultivar a diversidade e procurar nos libertar de um só estereótipo”.<sup>3</sup>

Podemos nos familiarizar com diferentes tipos de sermão, a fim de estarmos em condições de expor a Bíblia a partir de óticas diferentes, ajustando cada tipo a uma situação específica e pertinente. Contudo, sempre será imprescindível que nos asseguremos de que nosso sermão está fundamentado na Bíblia que fala à mente e ao cora-

ção. Também devemos estar seguros de apresentá-lo em frases curtas e diretas, exaltando Cristo como a única esperança do pecador.<sup>4</sup>

Na elaboração de sermões, podemos considerar dois grandes eixos: de movimento e de conteúdo.<sup>5</sup> Em um sermão, movimento indica a maneira pela qual o tema é introduzido e desenvolvido. Dentro desse eixo, os sermões podem ser indutivos ou dedutivos.<sup>6</sup>

No sermão dedutivo, a ideia principal aparece no início, ou seja, no fim da introdução. A partir daí, será desenvolvida cada ideia que aparece na apresentação inicial. Por exemplo, se o tema a ser tratado é a fidelidade, no fim da introdução, pode ser dito algo como: “Hoje, veremos que os crentes fiéis avançam pela fé, aprendem a depender do Senhor, cada dia, e obedecem por amor.” Então, segue-se a análise de cada uma dessas ideias em uma estrutura lógica e sistemática. É como se, numa viagem, alguém nos informasse que, para chegar ao destino, passaremos antes por outros lugares.

Essa classe de sermão tem a vantagem de ter direção e clareza. Porém, pelo fato de estabelecer todas as ideias já no início, se o pregador não estiver bem preparado ou não pregar com convicção, a mensagem soará monótona e enfadonha, porque as pessoas já sabem sobre o que ouvirão.

No modelo indutivo, a ideia central somente aparece no fim do sermão; porém, inicia-se apresentando interrogações que exigem respostas ao longo do tema. Como exemplo de introdução indutiva, podemos dizer o seguinte: “Podem realmente os crentes ser fiéis? Que aspectos bíblicos implica a fidelidade? Que deve o crente fazer para ser fiel?” Evidentemente, o sermão se desenvolverá respondendo cada pergunta.

A grande vantagem desse tipo de sermão é o elemento surpresa que se mantém ao longo da exposição, convertendo-o em uma viagem de exploração e descobertas, conduzindo

do a um clímax. Porém, se o tema for muito conhecido da congregação, sua utilização talvez não seja muito recomendável porque, a menos que lhe sejam adicionados novos elementos, também pode se tornar monótono.

*“Diferentes textos e temas exigem tratamento diferente. Devemos cultivar a diversidade e procurar nos libertar de um só estereótipo”*

### Expositivo e textual

O conteúdo do sermão se refere ao critério escolhido para lhe dar forma ou estrutura. Nesse contexto, o sermão pode ser expositivo, temático, narrativo e biográfico. Os dois eixos podem se conjugar e formar, por exemplo, sermões expositivos dedutivos ou temáticos indutivos.

Anteriormente, era feita diferença entre sermão expositivo e sermão textual, com base na quantidade de versos em que estava fundamentado. Se houvesse um ou dois versos, o sermão era textual. Maior quantidade de versos o caracterizava como expositivo. Porém, essa divisão não é muito satisfatória. Todo sermão em que uma porção da Bíblia é exposta, mantendo-se fiel à forma e ao contexto,<sup>7</sup> é expositivo, embora a exposição possa adotar várias dimensões: um verso, uma seção, um capítulo ou livro.

A grande força desse tipo de sermão é que ele permite conhecer o texto bíblico em toda a sua riqueza. Exige que a passagem seja estudada minuciosamente, considerando a estrutura do texto, os contextos literário, cultural e geográfico. Permite compreender o texto como foi entendido pelos leitores originais e, a partir dessa compreensão, extrair lições para hoje. Em semanas de oração ou em séries, podem ser estudados capítulos de um livro escolhido. A riqueza do texto bíblico é tão imensa que muitas lições podem ser extraídas.

Considerando que a elaboração desse tipo de sermão exige muita dedicação e estudo, existe o risco de que acabe não sendo bem preparado e, em vez de expor a Palavra, o pregador acabe torcendo o texto, dizendo qualquer coisa à congregação.

## Narrativo

O sermão narrativo é caracterizado por expor a mensagem por meio da narração vivencial, como quando uma história é contada. Esse tipo deve ser composto levando em consideração os elementos componentes de uma história: (1) cenário: personagens e problema; (2) enredo: desenvolvimento da ação; (3) ponto culminante: clímax da ação; e (4) desfecho: solução do problema, fim da tensão.<sup>8</sup>

Ao expor esse sermão, devemos envolver o máximo possível de sentidos, e ser tão descritivos que possamos nos transportar com a audiência ao lugar dos fatos. Por exemplo: “Pode você ouvir o gemido dos doentes à beira do tanque Betesda esperando para entrar nele?” “Sente o vento frio movendo suas vestes junto à cruz no Gólgota, na tarde da crucificação?” “Pode contemplar assombrado as águas do Mar Vermelho se abrindo?”

Esse tipo de sermão pode ser impactante e inesquecível. É perfeito para manter a atenção e fazer as pessoas vibrarem.<sup>9</sup> Contudo, exige que o pregador conheça bem a história e seu contexto, para evitar anacronismos, como quando alguém (pensando em Noé) disse que Moisés fez a arca. Também precisamos ficar atentos para não perder de vista o objetivo do tema. É muito fácil terminar contando uma história bonita e divertida, mas incapaz de levar os ouvintes a entender os aspectos fundamentais do evangelho.

## Temático

Nesse modelo, escolhemos um tema e o desenvolvemos a partir da perspectiva bíblico-teológica. Esse tipo permite abordar, em sequência organizada e sistemática, as diferen-

tes ideias que a Bíblia apresenta sobre qualquer assunto. Podemos analisar questões doutrinárias, como justificação pela fé, a predestinação, ou temas contemporâneos que requerem resposta ético-cristã, como aborto, sexualidade, divórcio e outros.

A maior vantagem desse tipo de sermão é que podemos apresentar posições claras e consistentes. Mas, seu grande perigo é que cheguemos a atrelar em um tema textos bíblicos que não se relacionem, caindo no uso inadequado do “texto prova”. Por isso, há quem tenha receio do sermão temático e prefira não usá-lo. Entretanto, devemos nos lembrar de que Jesus usou esse modelo, quando “começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24:27). Cristo citou diversos textos ao longo das Escrituras, para mostrar como haviam se cumprido nEle. Isso indica que, enquanto os textos usados estiverem em harmonia com o contexto e uns com os outros, o uso do “texto prova” é legítimo.

## Biográfico

O sermão biográfico tem como base a vida de algum personagem bíblico e vale-se de seus aspectos positivos para extrair lições para a vida dos ouvintes. Por sua própria natureza, é evidente que partilha elementos próprios dos sermões expositivos, temáticos ou narrativos. Porém, a ênfase sempre será alguma das etapas da vida do personagem e as lições dali extraídas, como o antes e o depois de sua conversão, seus fracassos e vitórias. Para que isso seja representado vividamente, devemos nos familiarizar com o contexto daquela vida, seu entorno geográfico e cultural.

Dependendo do tipo de matizes narrativos que agreguemos, podemos conseguir uma rápida identificação do homem moderno com as experiências da vida dos personagens bíblicos. Estes, assim como nós, enfrentaram lutas e vitórias. Ao mostrar como Deus os usou e perdoou, apesar de suas debilidades, fica claro que Ele

também pode fazer o mesmo com as pessoas do século 21.

Tem-se dito que esses sermões “frequentemente perdem força quando o pregador sobrecarrega a pregação narrativa com longas explicações e conclusões forçadas”.<sup>10</sup> Insistir muito nos aspectos negativos e nos erros dos personagens é uma forma errada de pregar um sermão biográfico. É verdade que o sermão deve mostrar a realidade do grande conflito. Porém, sobretudo, deve ressaltar que a mesma graça divina que operou na vida do personagem escolhido pode fazê-lo em nossa vida por meio de Jesus Cristo.

Como vimos, há várias formas de expor a Palavra de Deus, para que a mensagem chegue aos corações e mentes com clareza e profundidade. A escolha de uma dessas formas depende de lugares e circunstâncias. Porém, estando no escritório pensando no que vai dizer à igreja, lembre-se disto: Você não tem à disposição somente as ferramentas da homilética e da oratória, mas também os recursos inesgotáveis do Espírito Santo. Peça que Ele o guie, confie nEle e faça sua parte. Deus quer falar ao Seu povo através da Escritura e deseja usar você como Seu instrumento (2Tm 4:1-5). ■

### Referências:

<sup>1</sup> John R. W. Stott, *A Pregação: Pontes Entre Dois Mundos* (Grand Rapids, MI: Libros Desafios, 2000), p. 205, 206.

<sup>2</sup> Barclay M. Newman Jr., *A Concise Greek-English Dictionary of the New Testament*, ver *BibleWorks for Windows*, 7.0, 2006.

<sup>3</sup> John Stott, Op. Cit., p. 225.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 158, 159, 177, 162.

<sup>5</sup> Ronald J. Allen, ed., *Patterns of Preaching: A Sermon Sampler* (St. Louis, Missouri: Chalice Press, 1998).

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Pablo A. Jiménez, *Principios de Predicación* (Nashville: Abingdon Press, 2003), p. 87.

<sup>8</sup> Scott M. Gobson, ed., *Preaching the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Bakerbooks, 2006), p. 76.

<sup>9</sup> Bryan Chapell, *Como Usar Ilustraciones Para Predicar con Poder* (Grand Rapids, MI: Editorial Portavoz, 2007), p. 59.

<sup>10</sup> Ross W. Hayslip, *Predicar Sobre Personajes Bíblicos*, ver HYPERLINK “<http://www.desarrollocristiano.com/articulo.php?id=2280&c=23>” <http://www.desarrollocristiano.com/articulo.php?id=2280&c=23> 4/02/11.



Diretor da Faculdade de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

# O dom de profecia no púlpito

*“Nossa atitude e crença têm por base a Bíblia. E nunca queremos que pessoa nenhuma faça prevalecer os testemunhos sobre a Bíblia” (Ellen White)*

temunhos”. Tendo isso em mente, observe algumas de suas declarações: “Nossa atitude e crença têm por base a Bíblia. E nunca queremos que pessoa nenhuma faça prevalecer os testemunhos sobre a Bíblia.” “Não devem os testemunhos da irmã White ser postos na dianteira.”<sup>2</sup>

Tais conselhos mostram a posição de seus escritos em relação à Bíblia e advertem quanto a empregos inadequados do que ela escreveu. Segundo a orientação que ela mesma deu, não é correto substituir a leitura e o estudo da Palavra por seus escritos. Não se deve ir ao púlpito, abrir um de seus livros e simplesmente pregar o que ali está exposto, deixando de lado a Bíblia. O pregador também não deve começar o sermão com algo que ela escreveu para, depois, se voltar para a Bíblia, nem enfatizar seus escritos acima da Bíblia. Isso é colocar os testemunhos na dianteira das Escrituras.

**T**odo pastor adventista deve se valer dos escritos de Ellen G. White, ao buscar compreender as Escrituras e preparar sermões. Porém, deve ser cuidadoso com relação ao seu modo de expor a mensagem, considerando a compreensão e atitude dos ouvintes para com o assunto. Desse modo, quando falar a incrédulos buscando atraí-los a Cristo, não convém mencionar nem Ellen White nem suas visões, conforme ela mesma ensinou<sup>1</sup> e segundo a orientação do apóstolo Paulo no sentido de que “a profecia não é para os incrédulos, e sim para os que creem” (1Co 14:22).

Caso os ouvintes sejam membros da igreja, mas não tenham opinião formada ou rejeitem essa doutrina, é imprescindível que primeiro esta lhes seja claramente ensinada. Se isso não for feito, pode-se dar como certo que eles simplesmente desconsiderarão o que for proferido no sermão como sendo proveniente de Ellen White.

## Prioridade da Bíblia

Costumamos chamar os escritos de Ellen White de “Espírito de Profecia”. Antigamente, porém, os adventistas os chamavam de “Tes-

Ao estabelecer a relação entre a Bíblia e seus escritos, ela observou: “Os testemunhos do Espírito de Deus são dados para dirigir os homens à Sua Palavra, que tem sido negligenciada”.<sup>3</sup> “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para levar homens e mulheres à luz maior”.<sup>4</sup> Seus escritos são chamados de “luz menor”, no que diz respeito não ao grau de inspiração, mas à função deles,<sup>5</sup> ou seja, conduzir as pessoas à Bíblia e auxiliar na compreensão dela. A Bíblia é a luz maior cuja função é nos levar a Cristo e à salvação (Jo 5:39).

Portanto, o procedimento correto consiste em ler as Escrituras em público e, depois, explicá-la e extrair alguma aplicação, fazendo uso, também, da revelação de Deus por meio dos escritos de Ellen White. Desse modo, a Bíblia não será descartada nem colocada em segundo plano, mas ocupará o lugar de honra que lhe é devido, tendo primazia e sendo a base do sermão.

### Ângulo de abordagem

Basicamente há três maneiras pelas quais Ellen White abordava o texto bíblico: interpretando, reinterpretando e aplicando. A interpretação do texto diz respeito ao seu significado para quem o escreveu. Quando a Sra. White interpreta um texto bíblico, ela o faz com fidelidade. A reinterpretação de um texto consiste em retirá-lo do contexto imediato em que está inserido e colocá-lo em outro, outra época, outro lugar, dizendo respeito a outras pessoas. É necessário ressaltar que um texto só pode ser reinterpretado por alguém que seja inspirado por Deus, como é o caso dos profetas. Os escritores do Novo Testamento reinterpretaram textos bíblicos.

Aplicação do texto significa extrair dele a lição espiritual para a vida presente. O pregador deve perguntar: “como este texto ajuda a mim e aos ouvintes em meio às nossas lutas, necessidades e desafios?” A aplicação deve contribuir para moldar nosso

caráter e conduta, e está relacionada ao ser e ao fazer.<sup>6</sup> Na grande maioria dos escritos de Ellen White que comentam passagens bíblicas, ela apenas extrai lições espirituais do texto sagrado aplicando-as conforme a necessidade do momento.<sup>7</sup>

Sendo assim, ao usarmos os comentários de Ellen White sobre o texto bíblico, devemos nos certificar do ângulo pelo qual ela o está analisando. Está interpretando, ou aplicando? Pouquíssimas vezes, seu comentário parece abranger quase tudo o que pode ser dito sobre determinada parte da Bíblia – como acontece em um capítulo dos *Testemunhos Seletos*, intitulado “Josué e o Anjo”. Ela inicia interpretando, mostrando o significado da profecia de Zacarias para os contemporâneos do profeta, no ano 520 a. C., os quais haviam retornado do exílio babilônico e estavam reconstruindo suas cidades e o templo. Depois passa à aplicação, explicando como Satanás procura hoje nos desanimar e como Cristo defende os que nEle creem. Finalmente, reinterpreta o texto, demonstrando como a profecia se refere “com força particular à experiência do povo de Deus” no tempo de angústia que ocorrerá imediatamente antes da volta de Cristo.<sup>8</sup>

Portanto, se ela estiver apenas interpretando um texto bíblico, podemos extrair lições espirituais além daquilo que ela comenta. Se estiver apenas aplicando, estudando com afinco na busca da interpretação, podemos ter maior entendimento do significado original do texto. Mas também devemos considerar que, algumas vezes, ela não está nem interpretando nem aplicando o texto, mas reinterpretando-o, dando-lhe significado diferente daquele pretendido pelo escritor original. Nesse caso, também há outros significados no texto que ela não está levando em conta no momento.

Há textos bíblicos sobre os quais a Sra. White nunca fez nenhum comentário, há os que ela apenas interpretou, há outros que foram somente

reinterpretados, e existem aqueles dos quais ela extraiu algumas lições práticas. Com base nisso, somos levados a concluir que, embora seu comentário sobre algum texto seja sempre verdadeiro, pode não abranger toda a verdade ali inserida. Nesse caso, não seria a palavra final sobre essa passagem,<sup>9</sup> porque mediante estudo, de outro ângulo, podemos ter maior entendimento. O fato de sermos altamente privilegiados em ter seus escritos não deve servir de pretexto para nos contentarmos com o que ela nos legou, e nos acomodarmos deixando de pesquisar com maior dedicação e profundidade as Escrituras.

### Regras de interpretação

A correta interpretação de qualquer texto é feita respeitando-se determinadas regras fornecidas por uma ciência chamada hermenêutica. Isso é válido para escritos seculares e religiosos, sejam eles inspirados ou não. Citamos duas das regras mais significativas, que precisam ser aplicadas aos escritos de Ellen White; caso contrário, corre-se o risco de se ter má compreensão e, consequentemente, conduta diferente da que Deus havia planejado.

1) *Considerare o contexto histórico.* Significa levar em conta a situação envolvida, as circunstâncias em que se encontravam o autor e os primeiros destinatários do escrito. Devemos buscar respostas para as seguintes perguntas: Quem escreveu? Quando? Onde? Para quem? Por quê? Vejamos um exemplo: Em certa ocasião, Ellen White escreveu: “ovos não devem ser colocados em sua mesa”.<sup>10</sup> Superficialmente, poderíamos concluir que ninguém deve comer ovos. Contudo, esse conselho faz parte de uma carta-testemunho enviada a um casal cujos filhos estavam formando o hábito da masturbação e comer ovos os estimulava. Essa orientação era válida para a família que a recebeu e, por extensão, para qualquer outra pessoa que passe pela mesma situação; mas não para todas as pessoas.

Em outra ocasião, ela aconselhou: “Ovos contêm propriedades que são agentes medicinais para combater venenos. Conquanto tenham sido dadas advertências contra o uso desses artigos em famílias onde as crianças eram viciadas no hábito do abuso próprio, contudo não devemos considerar negação do princípio usar ovos de galinhas bem cuidadas e alimentadas devidamente...”<sup>11</sup> A própria Ellen G. White aconselhou: “Quanto aos testemunhos... o tempo e o lugar, porém, têm que ser considerados.”<sup>12</sup>

2) *Contexto mais amplo.* Procuremos estudar tudo o que ela escreveu sobre o assunto que estamos pesquisando. Não nos prendamos a uma frase ou parágrafo. Como exemplo, mencionamos seu ensino sobre o uso da carne como alimento. Nos tempos bíblicos, todos comiam carne: sacerdotes, profetas, apóstolos, o povo de Israel, os primeiros cristãos e o próprio Jesus. Contudo, como tem havido muitas doenças nos animais, a Sra. White foi incumbida por Deus de nos orientar nessa questão. Notemos algumas de suas declarações: “Muitos que são agora só meio convertidos quanto à questão de não comer carne, sairão do povo de Deus, para não mais andar com ele.”<sup>13</sup> Parece uma declaração muito forte, mas vejamos outras: “O regime cárneo não é o mais saudável, e, todavia eu não tomaria a atitude de que ele deva ser rejeitado por toda pessoa. Os que têm órgãos digestivos fracos podem muitas vezes comer carne, quando não lhes é possível ingerir verduras, frutas e mingaus.”<sup>14</sup>

“Entre o povo em geral [na Austrália], a carne é usada largamente, por todas as classes. É o artigo de alimentação mais barato; e mesmo onde a pobreza impera encontra-se em geral carne sobre a mesa. Por isso, tanto maior a necessidade de usar de prudência ao lidar com a questão de comer carne... Nunca julguei ser meu dever dizer que ninguém deveria provar carne, sob quaisquer circunstâncias. Dizer isso, quando

o povo tem sido educado a viver de comer carne em tão grande medida, seria levar ao extremo a questão.”<sup>15</sup>

“Em certos casos de doença ou exaustão, poderá ser considerado melhor usar alguma carne, mas grande cuidado deve ser tomado para adquirir carne de animais sadios.”<sup>16</sup> “Quando não me foi possível obter o alimento de que necessitava, comi um pouco de carne algumas vezes, mas estou ficando cada vez mais atemorizada de fazê-lo.”<sup>17</sup> “Não nos compete fazer do uso da alimentação cárnea uma prova de comunhão.”<sup>18</sup>

Assim, percebe-se que há situações em que a carne pode servir como alimento. Mas para que não imaginemos que tanto faz comer ou não comer carne, citamos mais um parágrafo que nos aponta o rumo a seguir: “Entre os que estão aguardando a vinda do Senhor, o comer carne será afinal abandonado; a carne deixará de fazer parte de sua alimentação. Devemos ter sempre isso em vista, e esforçar-nos por trabalhar firmemente nessa direção.”<sup>19</sup>

Além dessas regras, sugerimos mais dois procedimentos: (1) que não se confie em boatos sobre o que ela escreveu, mas se confira o escrito pessoalmente; (2) seja considerado que um indivíduo não se torna onisciente pelo fato de Deus lhe haver concedido o dom profético. Os profetas sabiam apenas aquilo que Deus achava por bem lhes revelar. Alguns dos textos que julgamos mais difíceis na Bíblia nunca foram explicados por nenhum profeta nem por Ellen White. Cerca de meio ano antes de sua morte, alguns irmãos desejavam saber exatamente quem eram os 144 mil que seriam assinalados no tempo do fim (Ap 7:1-8; 14:1-5). No passado, ela já havia escrito a esse respeito, mas os irmãos queriam mais informações. Sua resposta foi: “Não tenho luz sobre o assunto... Tenha a bondade de dizer a meus irmãos que nada me foi apresentado acerca das circunstâncias de que escrevem, e só lhes posso expor aquilo que me foi apresentado.”<sup>20</sup>

Em suma, as Sagradas Escrituras devem ter a primazia e ser a base dos nossos sermões. Os escritos de Ellen White precisam ser considerados em seu verdadeiro papel: auxiliar na compreensão e na aplicação do texto sagrado. Também é verdade que, embora seus comentários sobre algum texto sejam sempre verdadeiros, pelo fato de ela não ter considerado tudo o que nele está inserido, é possível, mediante estudo, ter maior compreensão do texto. Há, ainda, necessidade tanto de se pregar sermões que mostrem pela Bíblia o valor do dom profético bem como de se conhecer e respeitar as regras de interpretação quando se busca entender o que ela escreveu. Mas, acima de tudo, destaca-se a necessidade de iluminação do Espírito Santo para nos guiar na pesquisa da verdade, pois somente Aquele que inspirou apóstolos e profetas a escrever as mensagens de Deus pode nos capacitar a entender tudo o que é necessário em nosso preparo para a eternidade. ■

#### Referências:

- 1 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 1, p. 119, 120.
- 2 \_\_\_\_\_, *Evangelismo*, p. 256.
- 3 \_\_\_\_\_, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 46.
- 4 \_\_\_\_\_, *Evangelismo*, p. 257.
- 5 Gerhard Pfandl, *Compreendendo as Escrituras: Uma Abordagem Adventista* (Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007), p. 309.
- 6 Bruce Wilkinson, *As Sete Leis do Aprendizado*, (Belo Horizonte: Betânia, 1998), p. 106.
- 7 Robert W. Olson, *One Hundred and One Questions on the Sanctuary and Ellen White* (Washington, DC: Ellen White State, 1981), p. 41.
- 8 Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 170-179.
- 9 Gerhard Pfandl, *Op. Cit.*, p. 316.
- 10 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 2, p. 400.
- 11 \_\_\_\_\_, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 204, 205.
- 12 \_\_\_\_\_, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 57.
- 13 \_\_\_\_\_, *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 382.
- 14 *Ibid.*, p. 394, 395.
- 15 *Ibid.*, p. 462, 463.
- 16 *Ibid.*, p. 394.
- 17 *Ibid.*
- 18 *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 359.
- 19 *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, p. 380.
- 20 *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 51.





## PESQUISA

# Garimpando recursos

*“Depois de Deus, o futuro da igreja e a esperança do Reino estão nas mãos dos pastores, pois eles levam o evangelho às pessoas” (Andrew Blackwood)*



**F**az quase 50 anos que o mentor espiritual da minha adolescência, o pastor Arnoldo Anniehs, grande evangelista, ainda antes do batismo, me ensinou a fazer um arquivo de recortes. Imediatamente passei a dar estudos bíblicos e a pregar em várias igrejas, e me convenci da importância de ter sempre à mão bons subsídios para dar consistência a meus argumentos e testemunho.

Aquela coleção de recortes, que começou acondicionada numa simples caixa de sapatos, cresceu bastante, durante todos esses anos, a ponto de ocupar atualmente vários arquivos de aço com pastas suspensas, e ainda algumas grandes caixas de papelão. Com a experiência, e com um pouco de conhecimento do sistema Dewey, elaborei um índice de entradas hierarquizadas, adapta-

do às necessidades de um pastor, o qual ajuda a encontrar rapidamente o que foi arquivado a respeito de determinado assunto.

Acompanhei com interesse o despontar da internet. Essa importante ferramenta, que está sendo aperfeiçoada a cada dia, pode ser bem utilizada para auxiliar na pregação do evangelho. Uma das funções mais simples e imediatas da internet é como um imenso arquivo, universal, de baixo custo e fácil acesso. Apesar de poder continuar enumerando vantagens da internet, e utilizá-la intensamente, devo informar que ainda não abandonei meus recortes nem os livros da minha biblioteca!

Falando de biblioteca, tenho que mencionar outra coisa: Meses atrás, foi noticiado que o ex-ministro Delfim Netto doou sua biblioteca pessoal para a Faculdade de Economia

e Administração da USP. O afável professor, sempre surpreendente nas suas palestras e seus artigos, continua sendo considerado um dos economistas mais abalizados do Brasil. Sabe quantos volumes tem essa biblioteca? Mais de 250 mil!

## Ferramentas para o pastor

Tudo o que foi mencionado até aqui tem o objetivo de reforçar o conceito de que aquele que foi chamado para proclamar o evangelho deve se destacar como o homem mais importante na sua comunidade. Citando Blackwood: “O pastor deve orar como se tudo dependesse de Deus, e trabalhar como se tudo dependesse do pregador.”

Justamente para facilitar, aprofundar e ampliar o ofício pastoral é que colaboram sua biblioteca, o arquivo pessoal, uma bem depurada lista de

sites favoritos e ainda boa disposição e traquejo para utilizar os programas de busca na internet. Essas ferramentas não se excluem, na realidade se completam. Sem os elevados custos necessários para adquirir bons livros e sem o investimento de tempo e capricho para manter um arquivo vivo e atualizado, sobra a internet com suas vantagens e gratuidade, rapidez, variedade e facilidade de acesso.

Nos últimos dez anos, tenho partilhado com os colegas o endereço de alguns *sites* que oferecem bons conteúdos e recursos mais diversos para ajudar o pastor. Nesta oportunidade, com mais espaço, é possível revelar várias preciosidades, algumas inéditas e outras já indicadas no passado, mas que não poderiam ficar de fora de uma seleção.

**Churchleaders** – *Site* de conteúdo para líderes cristãos em geral, cheio de dicas e listas como: dez itens para... ou cinco formas de conseguir... Na página de abertura ([www.churchleaders.com](http://www.churchleaders.com)), estão a relação das últimas notícias mundiais envolvendo a religião, os últimos recursos adicionados ao *site*, os vídeos de maior sucesso e chamadas para outros materiais, blogs e recursos diversos.

Na linha de menus, que fica no alto da tela, estão os *links* para as áreas mais específicas: pastores, culto, jovens, crianças, pequenos grupos, evangelismo. Ao clicar em um desses *links*, a tela é preenchida com destaques relacionados com essa área. Tudo isso feito de forma prática, sem deixar de ser atrativa.

Na parte inferior, à esquerda da tela, está a vitrine do *Sermon Central* ([www.sermoncentral.com](http://www.sermoncentral.com)), outro *site* que vale a pena colocar nos seus favoritos, pois partilha sermões de excelente qualidade, ilustrações, vídeos e *PowerPoints*. Além da parte gratuita, esse *site* disponibiliza excelente conteúdo para assinantes.

**Life Way** – Soluções bíblicas para a vida ([www.lifeway.com](http://www.lifeway.com)). A maior parte do conteúdo é acessada através dos primeiros três itens do menu que fica na parte mais alta da tela, logo à

frente do logotipo, os quais são: *Life, Ministry, Family*. Ao passar o mouse sobre um desses *links*, aparece um menu *pull-down* com as subdivisões, e ao clicar, elas vêm para o canto esquerdo superior e as chamadas para o conteúdo ocupam o centro da tela.

Esteja sempre atento para os *links* como *View More* ou *View Archive*, os quais dão acesso a todos os itens disponíveis, dentro daquele tema. Veja a quantidade de sermões, artigos, ideias, dicas e estatísticas.

**Bettersermons** – Esse é um *site* adventista ([www.bettersermons.org](http://www.bettersermons.org)) com excelentes sermões em texto, áudio, vídeo, ilustrações, além de *links* para diversos outros *sites* e serviços, alguns pagos, porém oferecendo material de qualidade.

**Outros sites adventistas** – Alguns com conteúdo mais teológico e outros mais práticos ou informativos, mas estes devem estar em sua lista de favoritos: Conteúdo integral da revista *Ministry* ([www.mistrymagazine.org](http://www.mistrymagazine.org)), desde que foi criada em 1928; portanto, mais de 80 anos de revistas mensais. Menu: *Archives*.

Com mais conteúdo informativo e criada recentemente, porém com alguns artigos e histórias bem interessantes é a *Adventist World* ([www.adventistworld.org](http://www.adventistworld.org)) cujo *site* disponibiliza também a versão em português.

Prosseguindo com revistas adventistas em português: *Kerygma* é uma excelente revista de conteúdo teológico ([kerygma.unasp-ec.com](http://kerygma.unasp-ec.com)), semestral, publicada pela Faculdade de Teologia do Unasp.

*Revista Adventista* ([www.revistaadventista.com.br](http://www.revistaadventista.com.br)). A coleção de 110 anos da revista informativa em português foi escanerizada e está quase completa. Nesse *site*, que tem também uma ferramenta de busca.

Um *site* adventista, em língua portuguesa ([www.cvvnet.org](http://www.cvvnet.org)), que está no ar desde 1995, não pode ser esquecido. Nesse caso, é tão grande a quantidade de conteúdo e a diversidade de áreas abrangidas (Bíblia, estudos bíblicos, blogs, música, pe-

didados de oração, assistência pastoral, rádios e TVs adventistas) que se torna necessário usar a ferramenta de busca oferecida pelo site ou então procurar nos diretórios agrupados em ordem alfabética.

Outro *site* pioneiro, este em inglês ([www.sdanet.org](http://www.sdanet.org)), relaciona os *links* para diversos meios de comunicação, organizações e serviços adventistas. Basta clicar e entrar. Tem também uma área de conteúdo com os temas de interesse especial como: Cristologia, Concertos, Doutrinas, Ellen G. White, Profecias, Sábados, Trindade, entre outros.

**Conteúdo não adventista** – *Vida Nova* ([www.vidanova.com.br/teologiabrasileira.asp](http://www.vidanova.com.br/teologiabrasileira.asp)). Essa é a área de conteúdo teológico e ministerial do *site* “Edições Vida Nova”. O menu está na coluna que fica à direita na tela. Os conteúdos estão classificados em: Atualidades, Bíblia, Espiritualidade, Ministério, Missiologia e Teologia, cada um com dezenas de textos, geralmente de autores brasileiros. Tem também vídeos e resenhas.

*Instituto Jetro* – Contribui nas áreas de gestão ministerial e liderança cristã ([www.institutojetro.com](http://www.institutojetro.com)). Veja na coluna à esquerda da tela o menu com os seguintes itens principais: Artigos (classificados por área), Entrevistas (com experientes profissionais e líderes de ministérios), Conselho de Jetro (tesouro de citações e frases que despertam ideias e fazem pensar), *Download* (listas, capítulos de livros, palestras e *slides*). É necessário cadastrar-se no site para fazer os *downloads* gratuitos). Outras áreas de conteúdo interessante: Arquivo de notícias, Enquetes e Dicas de *sites*.

Reservei um prêmio para o leitor que chegar até a última linha: Uma ótima ferramenta para auxiliar o pastor na exegese, análise e interpretação dos textos bíblicos ([www.biblos.com](http://www.biblos.com)). Vale por uma biblioteca inteira. Explore e usufrua seus benefícios. ▀

Para qualquer informação adicional, acesse [marcio.dg@uol.com.br](mailto:marcio.dg@uol.com.br).



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

# @jesuscristo

**T**witter é uma rede social cujos participantes enviam e recebem atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres, conhecidos como tweets. Essa rede teve início nos Estados Unidos, em 2006. No início deste ano, contava com 175 milhões de usuários em todo o mundo, sendo que a língua portuguesa é a mais usada.

No twitter, o usuário tem seguidores dos quais recebe e aos quais transmite mensagens. Caso esteja utilizando esse recurso tecnológico, responda: Está você usando sabiamente, transmitindo mensagens de ânimo, motivação, que instruem no caminho da salvação, do serviço e da esperança? A quantos usuários está seguindo? Quantos o seguem? É Jesus seu principal contato?

Orlando Costas citou sete diferenças básicas desenvolvidas por Juan Stam entre seguir Jesus e um rabino. Seguir Jesus era resultado de um convite do Senhor, ao passo que seguir um rabino era iniciativa pessoal. Fazer-se seguidor de Jesus implicava formação prática que abrangia toda a vida, enquanto o discipulado dos rabinos se limitava ao intelectual. O convite de Jesus era fundamentado no relacionamento pessoal; seguir um rabino era uma questão doutrinal. Seguir Jesus era dom da graça; seguir um rabino implicava pagamento em troca de instrução. O discipulado de Jesus requeria compromisso absoluto. Rabinos não exigiam nem podiam pedir isso. A vida de Jesus e de Seus discípulos era uma realidade comunitária. Com os rabinos, havia apenas companheirismo ocasional. O discipulado de Jesus era permanente, a relação e a aprendizagem não cessavam; Seus discípulos queriam depender, aprender e a Ele servir. Com os rabinos, a aprendizagem era um programa temporário e pontual que incluía graduação; o discípulo aspirava a ser rabino.

Você não está no pastorado por acaso, mas em atendimento ao gracioso convite do Senhor. Está você seguindo-O em tudo, com todo o ser? Relaciona-se pessoalmente com Ele? Está absoluta e permanentemente comprometido com Ele? Segue-O como seu Pastor? Os

frutos dessa intimidade podem ser vistos nesta reflexão adaptada por Jaime Braun:

- pastor procura o bem das ovelhas, não os bens delas.
- pastor gosta de convívio, não apenas de reuniões.
- pastor chora por suas ovelhas, não as faz chorar.
- pastor tem autoridade espiritual, não é autoritário.
- pastor olha nos olhos, não conta cabeças.
- pastor apazigua as ovelhas, não as separa.
- pastor é aprendiz, não é dono da verdade.
- pastor tem seguidores, não admiradores.
- pastor vive o que prega, não prega o que não vive.
- pastor ensina com a vida, não apenas com discursos.
- pastor ora em secreto, não apenas em público.
- pastor ocupa o púlpito, não um palco.
- pastor é apascentador, não marqueteiro.
- pastor é um servo humilde, não chefe orgulhoso.
- pastor aponta para Cristo e não para si mesmo.

○ pastor é usado por Deus, não usa as ovelhas em nome de Deus.

○ pastor fala da vida cotidiana, não discute o sexo dos anjos.

○ pastor se deixa conhecer, não se distancia de ninguém.

○ pastor alimenta as ovelhas, não se alimenta delas.

○ pastor ajuda as ovelhas a ser seguidoras de Cristo, não dependentes e seguidoras do ser humano.

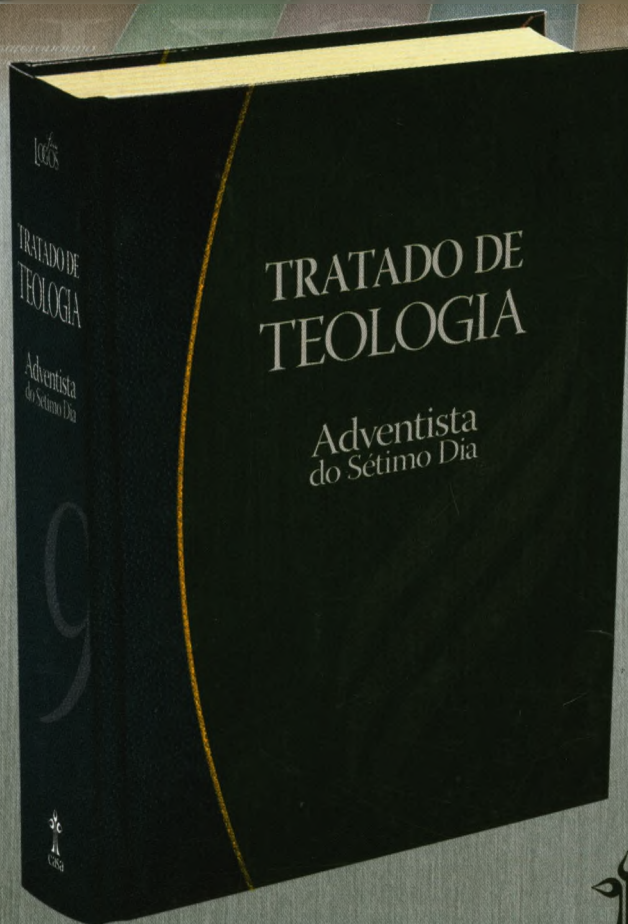
Como escreveu Ellen G. White, “a verdadeira religião é a imitação de Cristo. Os que são seguidores de Cristo a si mesmos se negarão, tomarão a cruz de Cristo e caminharão em Suas pegadas. Seguir Jesus significa obediência a todos os Seus mandamentos. De nenhum soldado se pode dizer que obedece a seu comandante se não obedecer às ordens dele. Cristo é nosso modelo. Imitar Jesus, cheio de amor, ternura e compaixão, exige que nos aproximemos diariamente dEle” (Carta 31a, 1894).

Oro a Deus no sentido de que a prioridade máxima de sua vida seja seguir permanentemente Jesus, para que as congregações que você lidera vejam Cristo em seus atos, em sua pregação, em sua vida particular, familiar e pastoral. ■

*“Os que são seguidores de Cristo a si mesmos se negarão, tomarão a cruz de Cristo e caminharão em Suas pegadas”*

# VEM AÍ a *Série Logos* que colocará você em contato com a erudição, o pensamento e a visão teológica da igreja adventista.

LOGOS	LOGOS	LOGOS	LOGOS	LOGOS	LOGOS	LOGOS	LOGOS	LOGOS
COMENTÁRIO BÍBLICO	COMENTÁRIO BÍBLICO	COMENTÁRIO BÍBLICO	COMENTÁRIO BÍBLICO	COMENTÁRIO BÍBLICO	COMENTÁRIO BÍBLICO	COMENTÁRIO BÍBLICO	DICIONÁRIO BÍBLICO	TRATADO DE TEOLOGIA
Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia	Adventista do Sétimo Dia
1	2	3	4	5	6	7	8	9
Gênesis a Deuteronômio	Josué a 2 Reis	1 Crônicas a Cantares	Isaías a Malaquias	Mateus a João	Atos a Efésios	Filipenses a Apocalipse		
CASA	CASA	CASA	CASA	CASA	CASA	CASA	CASA	CASA



## E você já pode adquirir o primeiro livro da coleção!

Com mais de mil páginas, **Tratado de Teologia** apresenta um estudo exaustivo das principais doutrinas e crenças adventistas.

Deus, Cristo, Espírito Santo, pecado, salvação, santuário, juízo, sábado, família, profecias, remanescente, milênio, segunda vinda, grande conflito... Cada um dos 28 temas é analisado ao longo de toda a Bíblia e exclusivamente na Bíblia, depois na história cristã e nos escritos adventistas.

Uma das mais importantes obras já publicadas pela igreja, com participação de 27 dos mais célebres teólogos adventistas contemporâneos. Material indispensável especialmente para pastores, pregadores, anciãos e líderes.



Para adquirir, ligue: 0800-9790606\*, acesse: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br), ou dirija-se a uma das Lojas da CASA ou SELS.

\*Horários de atendimento: Segunda-Feira: das 10h às 18h, terça, das 10h às 17h, quarta, das 10h às 17h, quinta, das 10h às 17h, sexta, das 10h às 17h, sábado, das 10h às 17h, domingo, das 10h às 17h.